

NOVA IMAGEM

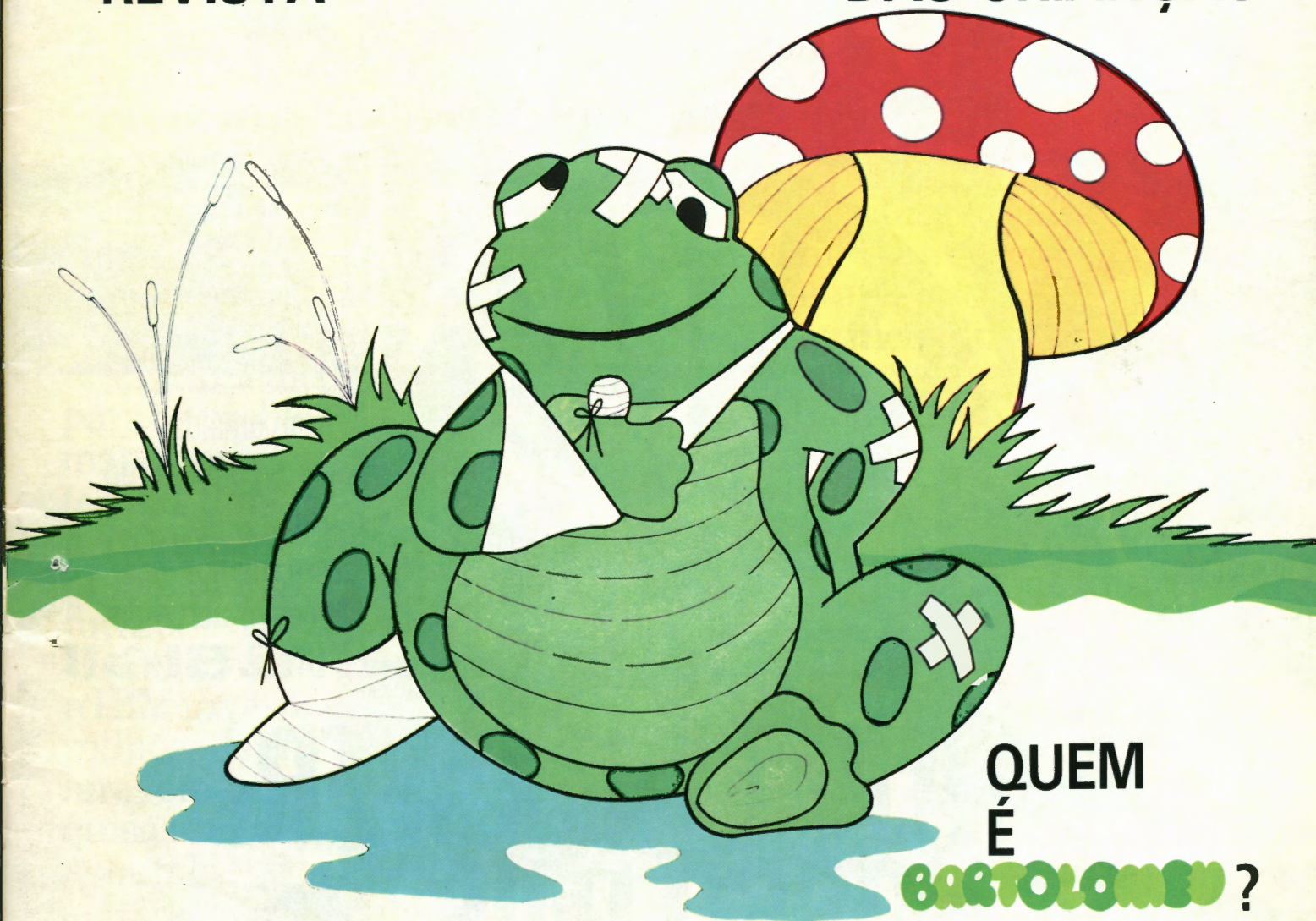
REVISTA INTERNA DO IBGE

MARÇO/ABRIL DE 1986 — N.º 3

■ PESQUISA

VOCÊ FAZ A NOSSA
REVISTA

O HALLEY
NA FANTASIA
DAS CRIANÇAS



QUEM
É
BARTOLOMEU?

O IBGE EM TEMPO DE MOEDA NOVA

NOVA IMAGEM

REVISTA INTERNA DO IBGE
PESQUISA
VOCÊ FAZ A NOSSA
REVISTA

MARÇO-ABRIL DE 1986 N.º 3
O HALLEY
NA FANTASIA
DAS CRIANÇAS



O IBGE EM TEMPO DE MOEDA NOVA

Na capa deste número, o sapo Bartolomeu, criação do desenhista Ricardo Franco do Nascimento para o Projeto Memória. Advogado, ele participou, como Agente Censitário, do Censo de 1980.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO
DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE

Presidente: Edmar Lisboa Bacha. **Diretor-Geral:** Regis Bonelli. **Diretor de População e Social:** Cláudio Leopoldo Salm. **Diretor de Economia:** Eduardo Augusto de Almeida Guimarães. **Diretor de Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia:** Charles Curt Mueller. **Diretor de Geodésia e Cartografia:** Mauro Pereira de Mello. **Diretor de Administração:** Alexandre de Amaral Rezende. **Diretor de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal:** Suzana Pinheiro Machado Mueller. **Diretor de Informática:** Mário Aloysio Telles Ribeiro.

NOVA IMAGEM

MARÇO/ABRIL DE 1986 - N.º 3

Supervisor editorial: Irineu Guimarães (Superintendente do Centro Editorial/CEDIT). **Diretora-editora responsável:** Lena Frias. **Reportagem e redação:** Eliane Antas, Hélio Bello Cardoso, Gloria Maria Quintia, Sheila Riera, Vera Vidal. **Colaboradores desta edição:** Mário Velloso, Sérgio Hora, Sérgio Cabral, Ronaldo Mourão, Paulo Villas Boas, Cristina Zappa e Mello Menezes. **Diagramador:** Sérgio Lopes. **Programação gráfico-editorial:** João Octávio Facundo Bezerra (responsável), Antonio Carvalho da Silva, Benedicto Pereira da Silva, Carlos Alberto Passos Cabral, Onaldo Pedro Merfísio, Paulo Tavares da Silva, Tereza Regina Piedras Lopes e Wilton de Almeida Tavares. **Secretaria administrativa:** Mariangela Moura. **Assessor de Publicidade:** Antônio Pentead. **Tiragem:** 16.000 exemplares. Circulação interna. **Fotocomposição e impressão:** Centro de Serviços Gráficos do IBGE (SERGRAF).

Sumário

Painel — Um amplo noticiário dos fatos marcantes do mês, organizado para você.....	Pág. 4
Delegacia de São Paulo — Como transformar as tarefas de rotina em fascinantes desafios.....	Pág. 8
Inflação e deflação — Um balanço dos primeiros resultados do pacote.....	Pág. 13
Gente nossa — De tabela na mão, somos os fiscais do Presidente.....	Pág. 14
Os concentrados — Sérgio Cabral e a turma do IBGE avaliam a tão discutida prática de concentrar jogadores de futebol.....	Pág. 16
O Cometa Halley — A ciência e a fantasia, nos desenhos das crianças e na palavra do astrônomo Ronaldo Mourão.....	Pág. 20
Bartolomeu — Conheça o sapo que escapou do escorpião.....	Pág. 26
Pesquisa — Diga pra gente como você quer NOVA IMAGEM.....	Pág. 29
Bodas de ouro do IBGE, numa página cheia de novidades.....	Pág. 31
Diretoria de Economia — As novas responsabilidades de um tempo novo.....	Pág. 32
Prêmios para sugestões — A Reforma Administrativa tem estímulos para quem quiser ajudar o IBGE a ser melhor.....	Pág. 34
Trabalho e beleza — Mais uma viagem ao mundo fabuloso dos nossos artistas.....	Pág. 36
Toninho de Minas — Esperança no Nacional de Atletismo.....	Pág. 39
Tirando Dúvidas — Você pergunta e a gente vai procurar quem pode dar a resposta certa.....	Pág. 40
Este amigo do peito — Já passou pela sua cabeça que alguém possa escrever sobre crachá? Neste número, uma interessante reportagem.....	Pág. 42
Bom Dia — Numa crônica sensível, o dia-a-dia na Central de Informações sobre o pacote, instalada na Livraria do IBGE, no Rio.....	Pág. 44
Umas e Outras — As galinhas de Dona Antônia, a barraca do Guido, o frevo de Zé Menezes e a opinião dos leitores, além de muitas outras.....	Pág. 46
Humor — A partir de agora, mais um espaço para os humoristas e chargistas da Casa: nossa última página. Relaxem e aproveitem.....	Pág. 50

PESQUISA NOVA IMAGEM / PRIMEIRA ETAPA

Você pode mandar a sua resposta à pesquisa publicada nas páginas 29 e 30 via malote para a Redação da revista, na Av. Franklin

Roosevelt n.º 166/9.º. No Rio você pode entregar diretamente na Redação ou enviar também através de malote.

Conversa com o leitor

Colega Ibgeano,

Nossa revista chega ao número três. Sempre perseguindo o objetivo de ser de fato uma revista que reflita você. Que aborde os interesses dos funcionários da Fundação. Um jeito de a gente se conhecer melhor. Uma coisa você precisa saber: NOVA IMAGEM não custa praticamente nada ao IBGE. Seu custo é coberto pelos anúncios que estamos veiculando. Desenvolvemos inclusive um trabalho no sentido de, pela captação de novos anúncios, tornar mensal a sua periodicidade. Outra coisa: quem trabalha em NOVA IMAGEM, o pessoal do dia-a-dia, são os próprios funcionários da Casa, alguns entre aqueles que têm vocação para jornalismo. Mas o colaborador principal nós queremos que seja você. Já neste número estamos publicando uma pesquisa. Participe. Diga o que você acha da sua revista e o que gostaria que ela publicasse.

E mais. Mandê relatos de fatos e situações curiosas ligados ao trabalho; de vivências engraçadas ou inoportunas, experimentadas durante a atividade de campo;

notas e informações sobre atividades esportivas e artísticas desenvolvidas nas Delegacias e Agências. Fale sobre você mesmo. E sobre os músicos, artesãos, escritores, ceramistas que trabalhem com você. Não esqueça as fotos. Boas, nítidas para que possam ser publicadas. Indique seu nome, apelido, função, local de trabalho. Considere-se daqui por diante um correspondente de NOVA IMAGEM. É possível que você seja um brincante de bumba-meu-boi; ou baliza de bloco; ou portabandeira; ou artista plástico; ou santeiro; ou cirandeiro; ou poeta; ou integrante de grupo folclórico. NOVA IMAGEM quer falar de você, de sua vida, suas dúvidas, seu trabalho.

Lena Frias

E o povo disse sim



Foto de Cristina Zappa

Os símbolos nacionais viraram moda com o Pacote Econômico.

O apoio apaixonado e em massa do povo brasileiro às medidas que revolucionaram a economia sacudiu o País todo. Cansada de lutar mês após mês contra o aumento do custo de vida, a população, ao se ver amparada em seus direitos de consumidora, foi tomada de euforia. Afinal, pela primeira vez na História ela passou a ter um papel central na guerra à inflação e ficou muito orgulhosa disso. Seu entusiasmo saiu de casa para, incontido, extravasar o Brasil inteiro.

Foi uma reviravolta geral. A moeda mudou e a cabeça dos brasileiros também. Para assegurar o cumprimento da nova lei, as pessoas modificaram seus hábitos e seu comportamento. Passaram a conferir preços, protestar sem constrangimento, chamar a polícia. Ora aplaudindo, ora brigando e na maior parte do tempo vibrando. Armadas de tabelas e mais confiantes, foram logo às lojas conferir as etiquetas e exigir os preços anunciados.

Logo depois do anúncio do pacote, um administrador de empresas, em Curitiba, ao descobrir preços diferentes para um mesmo produto num supermercado, diante das câmeras de televisão gritava empolgado: "Em nome do Presidente Sarney, em nome do povo bra-

sileiro, eu fecho este supermercado". Foi ovacionado pelos presentes que, emocionados, cantaram o Hino Nacional. Cenas como essa entraram no dia-a-dia dos noticiários. Nosso Hino passou a ser cantado em lugares antes nunca pensados: supermercados, lojas e até cinemas. No Rio de Janeiro, depois de ter interrompido a sessão do Cine Veneza para o gerente diminuir o preço dos ingressos, o público terminou a noite de pé cantando o Hino.

Os comerciantes, representados principalmente pelos gerentes de lojas, passaram a ser alvo direto de acirrada fiscalização. Sozinha ou em improvisados grupos, a população ficou vigilante. Na luta pela inflação zero, as donas-de-casa começaram a atuar como fiscais voluntárias, no princípio controlando os preços, depois fiscalizando o peso da carne, mais tarde a qualidade das mercadorias. Em Belo Horizonte, reuniram-se no Movimento das Donas-de-Casa, com dez comissões de Sentinelas da Economia Doméstica integradas por quinze mulheres cada uma. Esta organização recebeu a adesão do Movimento dos Machistas Mineiros, que só foi aceita porque, de acordo com a presidente das donas-de-casa, "o momento não era de discriminações". As agremiações mais diversas

cresceram por todos os lados. Em Rio Claro, SP, os aposentados ofereciam-se para organizar brigadas de fiscalização nas casas comerciais. As crianças, por sua vez, encarregaram-se, por todo o Brasil, das cantinas das escolas. Entre os vigilantes, muitos saíram uniformizados de fiscais, usando camisetas e broches com a convocação do Presidente "Eu sou fiscal do Sarney". Adesivos para automóveis "Cz\$ Eu Acredito" começaram a ser distribuídos no final de março para não deixar o movimento esmorecer.

A informação econômica passou a ser consumida por todos com jornais e revistas vendendo como nunca. Foram criadas seções especiais com informações diárias sobre o cruzado. As conversas pós-pacote mudaram de tema. Só se fala em congelamento, pico, patamar, desindexação, tabelamento de preços, taxa de juros. Os "técnicos" de futebol são hoje também "doutores" em economia.

Em Curitiba, para demonstrar gratidão ao Ministro Dilson Funaro cerca de 1.000 pessoas compareceram à missa rezada em intenção de sua saúde. O primeiro Ministro da Fazenda querido e festejado pelo povo traz também os sinais de novos tempos. Participou dia 16 de março do programa de auditório Sílvia Santos, palco até então de shows de Menudos e namoros na TV. Entrevistado pelos jurados, respondeu sobre sua vida pessoal e com muita simpatia esclareceu dúvidas sobre a nova economia. Deve ser por motivos como esse que uma senhora carregava seu retrato na carteira como se fosse de um marido ou namorado, explicando que "ninguém fez tanto por nós".

Também foi à televisão, comovendo o País inteiro, a professora Maria da Conceição Tavares, que há vinte anos lutava contra a antiga política econômica brasileira. Mês passado, no encerramento do "Globo Especial", ao falar das mudanças que a equipe de economistas estava realizando, a brava Maria da Conceição chorou.

Responsável pelo sucesso do plano econômico, o povo sabe que este foi o primeiro passo para dias melhores, lembrando o alerta do Ministro do cruzado de que "ainda há um longo caminho pela frente, e este caminho será duro".

NOVA IMAGEM, março-abril/1986



Diariamente, mais de quatrocentas pessoas procuram a Central de Informações do IBGE no Rio.

A nova economia trocada em miúdos

Não é só através da televisão, rádio ou jornais que o brasileiro vem-se familiarizando com a nova economia. De mãos dadas com o Governo, instituições a ele ligadas propuseram-se a tirar as dúvidas da população que, aos poucos, aprende a lidar com suas contas em cruzado. Foi isso o que fez a Fundação IBGE: no início de março, montou uma central de informações na livraria da Sede, no Rio.

Quem passa pela Av. Franklin Roosevelt não pode deixar de ver a faixa "FUNDAÇÃO IBGE EXPLICA A NOVA ECONOMIA DO BRASIL". De 8h às 17h30min, de segunda a sexta, a equipe técnica de plantão, formada por economistas, advogados e estatísticos, atende, em média, pessoalmente ou por telefone, 400 pessoas por dia. Entre estas, podem ser vistos, ouvindo atentamente os esclarecimentos dos técnicos, o guarda de trânsito da esquina, pequenos e médios empresários, aposentados, donos de administradoras, profissionais liberais, donas-de-

casa. Alguns, preocupados com os compromissos assumidos antes da mudança econômica, entram desanimados mas, quando entendem que em cruzado as prestações serão reduzidas, ou que de alguma forma não terão prejuízo, criam novo ânimo.

Segundo Aluizio Barros, economista e Assessor da Presidência, que coordena a equipe de atendimento, as dúvidas mais freqüentes giram em torno do reajuste dos aluguéis — 80% das consultas. Mensalidades, escolares e prestações do BNH também são perguntas constantes. "Esse atendimento está sendo muito importante para as pessoas mais simples, preocupadas principalmente em entender o método de conversão para cruzado ou em confirmar se a conversão que os bancos estão fazendo é a correta", disse ele.

Na livraria foram também distribuídas as cartilhas da SEPLAN e uma caderneta de bolso, editada pelo IBGE, com instruções, tabelas de atualização e conversão para cruzados.

Indicadores nas bancas e livrarias

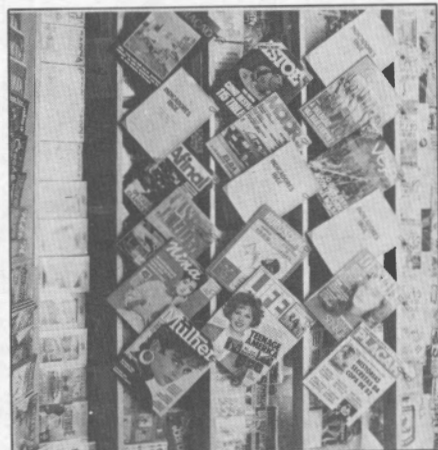


Foto de Cristina Zappa

Os Indicadores chegam às bancas.

A publicação Indicadores IBGE, à venda desde janeiro nas bancas do Rio, São Paulo, Paraíba, Goiás e Rio Grande do Sul, passou, a partir de março, a ser vendida também nas livrarias particulares dos estados. Mais: o Amapá e o Rio Grande do Norte entraram no circuito. A informação é do Departamento de Distribuição do nosso Centro Editorial. A tiragem dos Indicadores aumentou muito. E a entrada nas bancas passou dos 1.500 exemplares em dezembro de 85 para os atuais 2.500. Até o fechamento de NOVA IMAGEM n.º 3, o primeiro número de 86 dos Indicadores já vendera acima de 60% de sua tiragem. Com a chegada do número dois, o primeiro não sai dos pontos de venda: cada número fica ainda nos pontos mais sessenta dias. O exemplar atrasado poderá ser encontrado pelo preço de capa de Cz\$ 2,50 nas Delegacias do IBGE nos estados ou no Departamento de Distribuição, no Rio.

A seção Painel, uma geral nos principais acontecimentos que foram notícia durante o mês, passa a assinalar a presença e participação permanente da Assessoria de Imprensa do IBGE nas páginas de NOVA IMAGEM. Da equipe, comandada pela jornalista Shirley Soares Dias de Souza, fazem parte os companheiros Carlos Silva, Lúcia Helena Senra, Lecy Delfin, Teresa Millions, Sônia Alves dos Santos, Maria Goreth, Gisele Papadelis, Maria de Fátima, Maria Alda, Wagner, Edma Ferreira e Gisela Ávila. Lúcia Helena é a editora do Painel.

Emoção no aniversário da ENCE

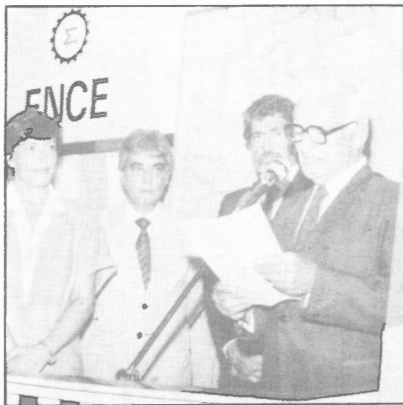


Foto de H. Chagas

O Professor Viveiros de Castro discursa no aniversário da escola pioneira no ensino da estatística no Brasil. A seu lado, da esquerda para a direita: Prof.^a Suzana Mueller, Diretora de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal; Prof. Edson Relvas, Diretor da ENCE; e Prof. Regis Bonelli, Diretor-Geral do IBGE.

Dia 6 de março, no bairro de Fátima, no Rio, um prédio de quatro andares reunia professores, alunos, funcionários e os diretores do IBGE para uma dupla comemoração: a Escola Nacional de Ciências Estatísticas festejava 33 anos e elegia, pela primeira vez em sua história, um diretor, o Prof. Edson Relvas.

Nesse mesmo dia, em 1953, o Prof. Lauro Sodré Viveiros de Castro dava a aula inaugural da escola. E, três décadas depois, coube a ele falar em nome dos docentes. Emocionou a todos com seu discurso. O professor mais antigo da escola fez um breve histórico lembrando as vitórias, o

papel da ciência estatística e o crescimento de projetos, matrículas e currículo da ENCE. Explicou que sua fala não era “um hino de amor composto só de ternuras, mas uma oração que cantava a raça e a fibra de professores e estudantes para lutarem por seus ideais e por seus direitos”.

O Diretor-Geral Regis Bonelli, na oportunidade, ressaltou a excelência do quadro de professores da ENCE — uma garantia na formação de profissionais competentes. “Nossa expectativa é de que a escola desempenhe papel cada vez mais relevante quanto à formação de profissionais para o IBGE e para a sociedade.”

Geraldo Pereira, o profeta

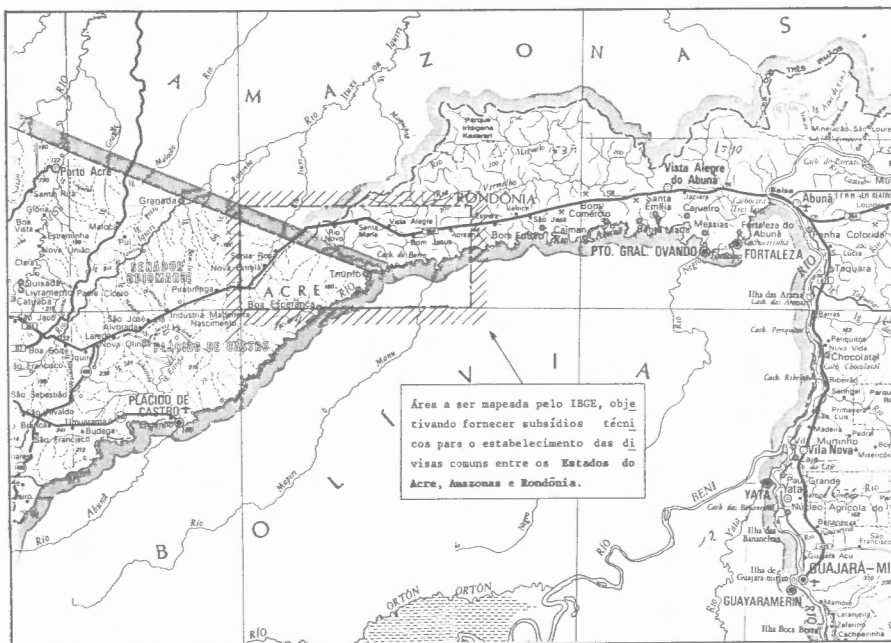
— “Seu” Presidente, sua Excelência mostrou que é de fato; /Agora, tudo vai ficar barato; /Agora, o pobre já pode comer (breque) /Até encher...

Quando compôs e cantou estes versos, em 1951, o genial Geraldo Pereira jamais poderia prever que 35 anos mais tarde sua poesia seria tão atual. Sucesso da época, o samba “Ministério da Economia”, gravado pelo autor, focalizava a intenção do Presidente Vargas de conter a inflação e os preços altos. A diferença é que, ontem, optou-se pela criação de um ministério; e, hoje, pela adoção de um projeto revolucionário de saneamento monetário. Em comum, os dois momentos e seus artífices tiveram a resposta positiva do povo.

O índice do cruzado

O decreto-lei que mudou a economia do País atribuiu ao IBGE o cálculo do novo índice, o IPC — Índice de Preços ao Consumidor —, para aferir as oscilações de preços ocorridas desde o momento da reforma monetária. Obedecendo à mesma metodologia de cálculo do INPC e do IPCA, o indicador da nova economia será utilizado no valor dos reajustes das cadernetas de poupança, FGTS, PIS/PASEP e como base para a escala móvel de salários.

Em vigor a partir de 28 de fevereiro, o IPC cobre o período de coleta do primeiro ao último dia de cada mês, sendo divulgado em torno do dia 12 do mês seguinte.



Convênio para eliminar disputas

A Fundação IBGE vai demarcar as fronteiras do Amazonas, Acre e Rondônia. Para isso, assinou convênio com os governos daqueles estados. Assim, será possível a demarcação definitiva das fronteiras que, com marcos próprios, acabará com os problemas em áreas consideradas críticas e passíveis de atritos. Estes foram provocados pela explosão populacional de Rondônia, que levou à formação de vários municípios entre os três estados, sem respeitar as áreas fronteiriças dos mapas.

Com o objetivo de fornecer subsídios para o mapeamento da área, o convênio estabelece o prazo de um ano para a realização dos trabalhos, a cargo da Diretoria de Geodésia e Cartografia do IBGE. O primeiro encontro para tratar do assunto foi em Brasília, no dia 3 de abril.

O FUTURO COM OTIMISMO

No momento em que ingressamos numa fase da vida nacional de otimismo em relação ao futuro, quando todos procuram exercer seus direitos como cidadãos e o trabalho voltou a ser considerado o fator de produção primordial para o desenvolvimento do País, nós do IBGE também encaramos o futuro da nossa Instituição com o mesmo espírito.

Isto porque entra agora em sua fase de execução o Programa de Modernização e Reforma Administrativa e, apesar da expectativa e ansiedade que temos de ver as coisas acontecerem, assumimos uma posição de tranquilidade a partir da certeza de que os caminhos encontrados nos conduzirão, efetivamente, às mudanças pretendidas. Não podemos com isso concluir que o trabalho que nos espera será menor e fácil, nem tampouco imaginar que a reforma se processará toda de uma vez. O que podemos assegurar é que o esforço e a dedicação de todos são imprescindíveis, pois a responsabilidade por uma mudança com tal grau de profundidade tem de ser compartilhada por cada um de nós.

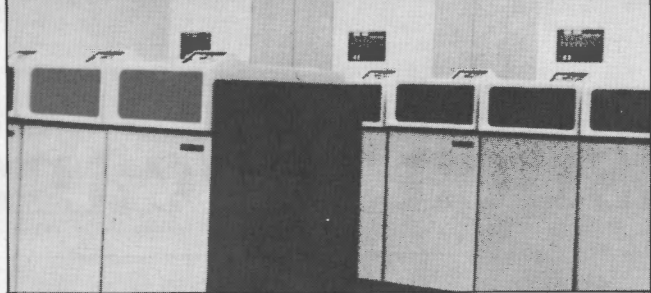
O Programa de Modernização e Reforma Administrativa compõe-se de quarenta e cinco projetos, que cobrem todas as áreas de análise do Diagnóstico Organizacional. Desse elenco, foram selecionados pela Presidência e Diretores dezesseis projetos para execução imediata, a saber: Reformulação da Estrutura Organizacional, Desenvolvimento Gerencial, Rotinas de Trabalho, Sistema de Planejamento, Recrutamento e Seleção, Programa de Ambientação de Novos Funcionários, Avaliação de Desempenho, Programa de Envolvimento de Empregados, Auditoria de Saúde Ocupacional, Inventário de Sucessão, Auditoria de Pessoal, Clima Organizacional, Plano de Cargos e Salários, Pesquisa Salarial, Cargos em Comissão e Sistema Gerencial de Custos.

Analisando-se o conjunto de projetos acima, verifica-se a preponderância daqueles relacionados à área de recursos humanos, evidenciando, assim, a preocupação da Administração Superior com os seus funcionários, peça-chave em qualquer organização.

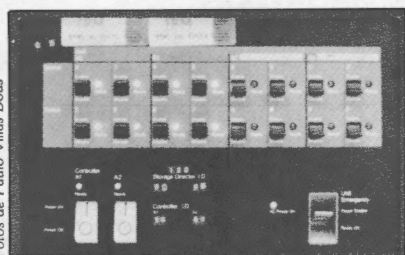
Conscientes da importância da fase que ora se inicia, mais do que nunca é fundamental que estejamos juntos neste mutirão da Reforma Administrativa, para realizar aquilo que há tanto tempo desejamos: modernizar o IBGE, resgatando, assim, a sua credibilidade e relevância no cenário nacional e o nosso orgulho em fazer parte do seu corpo de funcionários.

Rosa Maria Gesteira Nogueira

Rosa M. E. Nogueira é Assessora-Chefe da Diretoria de Administração e Coordenadora da Comissão de Reforma Administrativa



No Banco de Dados, as informações de que a gente precisa.



Fotos de Paulo Villas Boas

Informática em Uberaba



A Fundação IBGE esteve presente à INFORM 86, Feira de Informática do Triângulo Mineiro, que se realizou de 10 a 13 de abril, no Pavilhão Henry Ford, em Uberaba. Seis técnicos se revezaram na operação do terminal de vídeo, da impressora e do terminal telex. Estes, acoplados ao SIDRA, permitiram que os usuários acessassem o Banco de Dados do IBGE, à procura de informações sobre IPCA, População Estimada por Municípios e Produção Agropecuária e Industrial, entre outras.

Cláudio Alex Fagundes da Silva, da Diretoria de Informática, supervisionou as atividades do stand da Fundação:

— Distribuímos folhetos explicativos do funcionamento do SIDRA e fizemos demonstrações do sistema, assim como dos serviços e produtos que o IBGE coloca à disposição dos usuários de todo o País. Alcançado o nosso principal objetivo, atingimos, por tabela, um outro: o conagraçamento entre companheiros da Agência, Delegacia e sede, por nós representada. Tivesse havido apenas isso, e já teria valido a pena. Felizmente, houve muito mais: a nós, juntou-se o usuário, razão de ser de todo o nosso trabalho.



Foto de Paulo Villas Boas

A força da mística ibgeana

**O pessoal da Delegacia
de São Paulo não faz por menos:
vibra com desafios
e não recua nas dificuldades**



*Fachada do prédio da Delegacia de
São Paulo, no Itaim Bibi.*

Detalhe da fachada do prédio da Delegacia de São Paulo, no Itaim Bibi.

O prédio da Delegacia de São Paulo fica no Itaim Bibi. A fachada passa alguma coisa de simbólico: vidraças muito limpas que refletem os edifícios lá fora, aquele universo vibrante, a vida intensa que a própria DEGE interpreta em números, em mapas, em gráficos. Nas dimensões da geografia, nas possibilidades da estatística.

O Itaim Bibi foi zona operária. De alguns anos para cá tornou-se bairro elegante, os terrenos estão entre os mais valorizados do Centro de São Paulo.

Construções luxuosas convivem com as casas modestas dos operários das indústrias que ainda funcionam por lá. A fábrica de chocolates, a de alpargatas, a Camargo Correia.

Contrastes que as vidraças refletem. Sob sol, garoa e névoa; ou à claridade das luzes noturnas.

Contrastes que o pessoal da DEGE transforma em dados da realidade brasileira.

As fotos desta reportagem foram feitas por Reginaldo Soares e Vicente Augusto Aquino de Figueiredo, da DEGE/SP

no pique do dia-a-dia

A repórter passou dois dias na Delegacia de São Paulo. Impressionou-se com o pique e o ritmo. Escutou muitas histórias de tarefas realizadas em tempo recorde, cada qual narrada com entusiasmo maior. Percebeu que o pessoal de lá aprecia muito bater recordes. Eles transformam tudo em desafio. O trabalho é um adversário a ser vencido e dominado rapidamente. Curioso é que amam esse adversário.

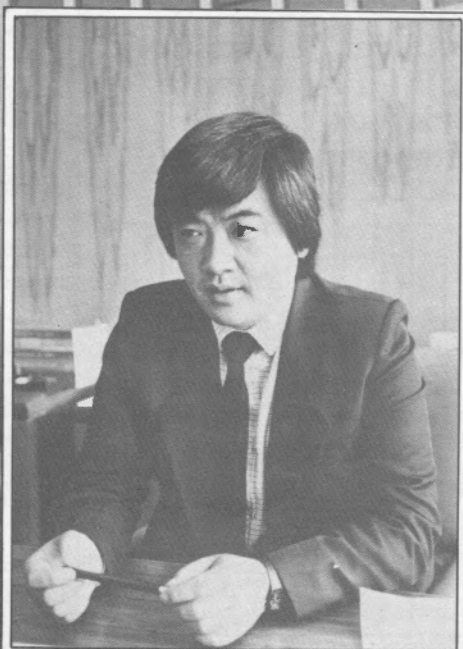
— Aqui é tudo correndo, tudo depressinha. É São Paulo, é o jeito da gente. Não tem explicação.

Dona Rita de Cássia Pereira, que trabalha no Setor de Comunicações e Transportes e tem 16 anos de Casa, vai falando e saindo. Não quer interromper o serviço.

Na permanente disposição para fazer hoje melhor do que ontem, acontecem os toques pessoais, as intervenções, não raro, brilhantes. Foi o que aconteceu bem recentemente. Nerley Pulino, Agente de Coleta, trabalhando no momento no Gabinete, recebeu do Delegado David Wu Tai a tarefa de fazer chegar às bancas de jornais para venda os *Indicadores IBGE*, uma incumbência do Rio. Os dois consideraram porém que levar os *Indicadores* para as bancas ainda era pouco. Aí o Nerley criou *displays* promocionais, bolados especialmente para incrementar a venda dos *Indicadores*. E lá foi ele distribuindo os *displays*, apesar do pé quebrado, que o obriga ao uso provisório de muletas.

Mutirão

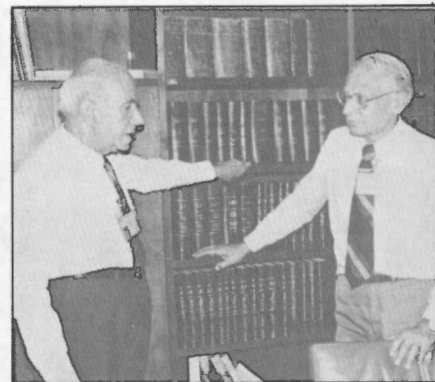
São seis horas da tarde. Acaba de chegar do Rio, via telex, o material de divulgação produzido pela Assessoria de Imprensa. O pessoal do Gabinete do Delegado entra em regime de mutirão. Roberto Aparecido da Cunha, Suely Gioia, Ione Pacine. E, quase sempre, o Delegado-Adjunto, Luiz Bertoli, e o próprio Delegado, David Wu Tai, se não estão ambos empenhados em outro mutirão. É uma verdadeira loucura. Todo mundo selando e endereçando envelopes; confe-



David Wu Tai, um jovem Delegado competente e popular.



O Delegado David Wu Tai (no centro da foto) e uma parte da equipe. Da esquerda para a direita, o Delegado-Adjunto Luiz Bertoli Filho; o jornalista Guilherme Bittencourt; o Chefe da Divisão Administrativa, José Pedro Filho; e o Chefe-Substituto da Divisão de Coleta, José Antônio Gomes Fontes. Ele colabora com este número de NOVA IMAGEM. Foi José Antônio quem organizou a pesquisa dirigida aos leitores.



Bittencourt e Queiroz são os dois funcionários mais antigos. Na memória deles, a crônica dos tempos heróicos.

rindo para ver se todos os jornais, sem exceção, estão servidos de releases. Aí o Roberto Aparecido vai correndo despachar a correspondência no último Correio da noite. A essas alturas já são onze horas, meia-noite. "Quando amanhece o dia os editores de todo estado estão com o nosso noticiário na mão", confere, orgulhoso, Roberto Aparecido.

O resultado são duas a três notícias sobre o IBGE em praticamente toda a imprensa paulista.

É assim que funciona a Delegacia de São Paulo. Do Gabinete do Delegado à carpintaria, no subsolo.

...É que, quando cheguei por aqui, quase nada entendi da dura poesia concreta de suas esquinas...

David entende bem a perplexidade na poesia de Caetano Veloso ao impacto do primeiro encontro com São Paulo. É reação semelhante à que ele, entre divertido e orgulhoso, percebe naqueles que vêm visitar a sua Delegacia pela primeira vez, como a repórter.

— São Paulo não pode parar. Nem nós. O trabalho tem que ter dinâmica, eficiência e pressa como resposta ao estado que representa. Coletar dados não é uma tarefa fácil. Imagina então o desafio que é obter informações no maior complexo industrial do País. Seja nas maiores sedes de empresas, nas favelas ou na grande periferia; nas maiores usinas de álcool ou nas regiões mais carentes do Vale do Ribeira.



Toninho (Antônio Walter, ex-chefe do restaurante e atual Agente de Coleta) recriou a bico-de-pena o cartaz publicitário do Censo Agropecuário, que virou peça de arte, em exposição na entrada da Delegacia.

É inevitável que, embora de olho no presente, estejamos traçando planos para o futuro



Pé quebrado, muletas e tudo, vai Nerley distribuindo displays criados por ele mesmo para estimular a venda dos Indicadores nas bancas.

ra. Se a gente não vai fundo, com rapidez, não dá para acompanhar o ritmo da própria vida do estado.

São 1.100 Agentes de Coleta e cerca de 100 funcionários administrativos, na Sede e nas 137 Agências, acompanhando e traduzindo o ritmo de São Paulo.

Os "bandidos" apareceram na época do Censo das favelas, um capítulo dentro do Censo Demográfico de 1980. Um trabalho difícil até pelo próprio descontrole estrutural das favelas, o crescimento desordenado, os barracos aparecendo da noite para o dia, as pessoas nascendo e morrendo sem qualquer registro. E os códigos internos de poder definindo quem manda e quem é mandado.

Roberto Aparecido, hoje Assistente do Delegado, fazia parte da turma encarregada de realizar a coleta de dados. Então eles chegavam bem de manhãzinha. Parlavam com os xerifes, os mandachuvas, os marginais. Limpavam a barra e metiam mãos à obra sempre naquele estilo de superar os próprios recordes. Era para concluir o mapeamento em um mês; eles fizeram em uma semana. Desse trabalho nas favelas veio o apelido de "bandidos", como até hoje a turma é conhecida.

Serão eles uns caras fechadões, burocráticos, meio chatos?

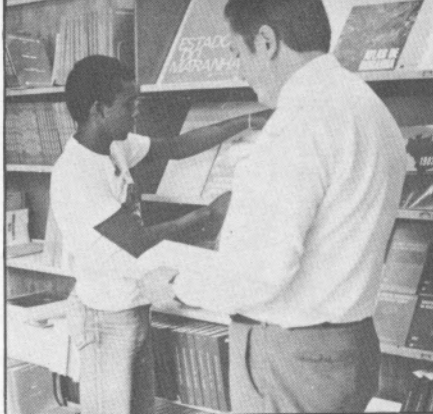
— Nada, um pessoal animadíssimo, que adora um chope, uma pizza e boas piadas.

Porque és o avesso do avesso, do avesso, do avesso

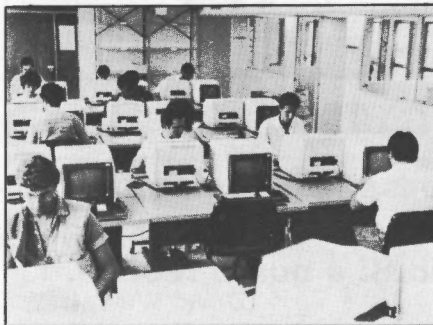
Do avesso do mundo, da outra banda da Terra, veio David Wu Tai, o atual Delegado da DEGE de São Paulo. Nasceu em Chunking, na China Central. "Cheguei ao Brasil com dezesseis anos. Minha família morou, antes, no Chile. Eu tinha um ano quando meu pai levou a gente pra lá. Os meus primeiros colegas aqui diziam que eu era estranho porque tinha cara de japonês, era chinês e, ainda por cima, falava espanhol."

David Wu Tai é brasileiro faz muito tempo. Tem um jeito e um humor bem paulistanos. Só mesmo a serenidade — e, evidentemente, os traços — sugere as raízes orientais. Ele chegou ao IBGE em 1978, por concurso. Uma vaga para mais de 200 candidatos. Já era economista e fazia doutorado em administração na Fundação Getúlio Vargas. A primeira função foi coordenar uma equipe de dez estagiários (logo aumentada para dezessete), que também ingressava no IBGE naquele momento através de outro concurso. Quase todos os membros daquela equipe continuam trabalhando na Casa. A maioria em São Paulo, com o David. O que talvez explique um pouco aquele ar amistoso e ligeiramente familiar entre David e o pessoal da DEGE. "Recentemente fizemos convênios com a Secretaria de Saúde de São Paulo para realizar uma pesquisa sobre morbidade do sarampo e cobertura de vacinação. O resultado líquido foram sessenta mil cruzados, inteiramente aplicados em material permanente para a Delegacia." Foi o primeiro convênio, no gênero, feito diretamente por uma Delegacia, sem interferência da Administração Central.

Já estão sendo mantidos também contatos com o Ministério da Saúde e o Centro Brasileiro de Estudos da População (CEBRAP) para pesquisas em regiões metropolitanas sobre anticoncepção feminina. "A gente procura não só colaborar em pesquisas de alto conteúdo social, como também captar recursos indispensáveis ao reequipamento da DEGE. Nossa preocupação número um, no momento, é reequipar a rede de coleta. Em recen-



Livraria e biblioteca: serviços muito procurados pelo público.



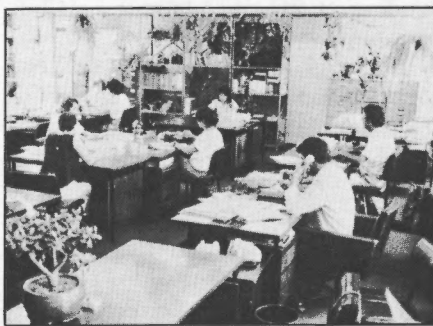
No Centro de Processamento de Dados.



No Setor de Pessoal.



No Serviço Financeiro.



Por aqui passam, por ano, mais de três milhões de documentos do setor público paulista.

te levantamento verificamos que noventa e três Agências não tinham nem ventilador. Já estamos despachando ventiladores, máquinas de calcular eletrônicas, estantes de aço e máquinas de escrever."

David acha que se deve investir em equipamentos básicos "para permitir que o elemento mais importante do IBGE, o Agente de Coleta, possa desenvolver seu trabalho com um mínimo de conforto e dignidade frente ao meio em que atua".

Ibgeana roxa

A Biblioteca da Delegacia de São Paulo recebe mais de mil consultas por mês. Sobre os mais variados assuntos. Segundo a Bibliotecária Sílvia Helena Caturra de Melo Freire, o pessoal ligado a empresas está entre os maiores usuários. Depois da campanha apresentando o IBGE como o maior banco de dados sobre o Brasil, a procura cresceu mais. Fica gente no saguão, esperando a vez de entrar. A Biblioteca da DEGE/SP sempre foi popular entre pesquisadores e estudantes, devido ao intenso trabalho de interação com a comunidade, realizado pela Bibliotecária Lúzia de Souza Queiroz. Hoje aposentada, ela continua vibrando com o que se faz na Delegacia. "Uma ibgeana roxa, apaixonadíssima", atestam os companheiros.

Com cheiro de cravo, a cor da canela

Uma grande figura, o Bittencourt. Sabe tudo sobre o IBGE e a Delegacia de São Paulo, onde trabalha há quase 40 anos. É dono de um caderninho preto muito manuseado, com os endereços de meio-mundo. Continuam lá os nomes do fundador do IBGE, Mário Augusto Teixeira de Freitas, e do primeiro presidente, Macedo Soares. Tem nome de jornalista, artista, boêmio. A famosa cadernetinha parece até aquela velha e mágica lâmpada de Aladim: guarda o gênio de São Paulo em suas páginas, na forma de endereços e telefones. Pronto a se revelar ao menor toque.

— Eu sou o guardião dessas coisas.

Hoje, Chefe do Serviço de Imprensa e Relações Públicas do Gabinete,



Técnicos da Secretaria de Saúde e da DEGE trabalhando juntos na pesquisa sobre vacinação e sarampo em São Paulo.

“Reunir uma equipe coesa, adicionar uma generosa dose de motivação e considerar todo trabalho como prioritário. É a nossa receita.”
(David Wu Tai)



Na hora da loucura: para divulgar o IBGE.

Bittencourt tem praticamente tanto tempo de DEGE quanto ela de fundação. A Delegacia — chamada antigamente Inspeção Regional de Estatística — começou numa casa velha, “o teto quase caindo, na Rua Bento Freitas, 139, em Vila Buarque. Ficou lá até 1949. Foi, depois, para a Rua Araújo, 124, no mesmo bairro. Em 1982, viemos para o Itaim”.

Vocação de comunicador, político e organizador de eventos, já tinha sido prefeito de Taperoá, sua cidade natal, no sul da Bahia, antes de ingressar no IBGE, em 1946. Taperoá fica numa região rica em cravo, canela e pimenta. As tão faladas especiarias que levaram os portugueses a abrir os caminhos dos mares e descobrir o Brasil. Para incentivar os produtores de riquezas tão antigas, Bittencourt acabou se tornando também um dos pioneiros dos concursos de beleza

no País. Elegeu a Rainha do Cravo-da-Índia. Teria ela o cheiro de cravo e a cor de canela, qualidades celebradas na “Gabriela” do Jorge Amado, outro baiano da região?

— Eu sempre fui um municipalista apaixonado. O IBGE, desde o começo, ajudou muitíssimo na valorização dos municípios, porque começou a registrar as suas ocorrências e a difundi-las. Eu então me aproximei, ajudei no Censo de quarenta e até hoje estou aqui.

Enquanto a gente conversa, chega outro grande personagem da DEGE paulista, o elegante Procurador Alfredo de Souza Queiroz. Bittencourt e ele são os dois funcionários mais antigos.

— Sabe quem fornecia a maior porcentagem para custo dos serviços de estatística de todo o Brasil? São Paulo. E sabe de onde vinha o dinheiro para esse trabalho? Da taxa de es-

tatística, dez por cento cobrados sobre as diversões públicas. Circo, teatro, cinema, baile, boate, tudo.

Os serviços eram acertados entre o IBGE e os municípios, através de convênios. “A gente então enfrentava a resistência dos donos dos cinemas. Eles não queriam esses convênios, para não ter que custear com os dez por cento. Aí pressionavam os prefeitos.”

Mas como?

— Ora, no interior, os donos de cinema eram amigos de todas as pessoas influentes. Eles mesmos eram muito influentes. Costumavam fornecer permanentes para o prefeito, a família toda do prefeito e os amigos. Para que assistissem a cinema de graça, abrilhantando e prestigiando as sessões com a presença. Então, era só fazer uma pressãozinha e... adeus convênio!

Um embate e tanto. Ainda assim um dono de cinema tornou-se *persona grata* do IBGE de São Paulo.

Emilio Peduti, dono de setenta cinemas no interior do estado, recolhia religiosamente a taxa da estatística. Quando ele morreu, Bittencourt fez questão de homenageá-lo no *Boletim Regional de Serviço*: “Jamais o Sr. Emilio Peduti consentiu que auxiliar ou preposto seu de qualquer unidade de sua grande rede de estabelecimentos diversionais sonegasse o selo da estatística”.

Grande Peduti!

— O que tem de especial na DEGE de São Paulo é que nós mantemos esse espírito, essa mística no nosso dia-a-dia. É um espírito corporativo que sempre queremos transmitir aos que estão chegando. Esta Delegacia é um posto avançado na coleta de informações.

Grande Bittencourt, o guardião da mística ibgeana paulista!

David veio da China; Bittencourt, da Bahia; os “bandidos” nasceram em São Paulo, essa terra de imigrantes que tem raízes nos quatro cantos do mundo e em tudo quanto é lugar do Brasil. A própria DEGE é uma amostra e tanto do rico painel social brasileiro. Universo vibrante, vida intensa a se refletir nas janelas envidraçadas do prédio do Itaim Bibi.

Nesta entrevista exclusiva, o Prof.
Edmar Bacha explica que o pior efeito do regime
inflacionário era o processo ilusório

A inflação acabou: adeus às ilusões

O Professor Edmar Bacha, Presidente do IBGE, faz parte da equipe de economistas que, em fevereiro último, desencadeou uma verdadeira revolução na economia nacional com a decretação do plano de estabilização monetária. Agora, cerca de dois meses após a entrada em vigor do plano, já dá para fazer um primeiro balanço, embora ainda muito precário. Mas os primeiros resultados são tão espetaculares que é difícil se defender da euforia. Pela primeira vez em 30 anos a população nacional verifica, lápis e papel na mão, que não houve inflação no País. Mais ainda: que os índices que permitem o cálculo do custo de vida, e evidentemente dos preços, andam submersos pelos mares nunca dantes navegados do abaixo-de-zero. Há realmente razões de sobra para a euforia. Mas o Professor Bacha, prudente e simples, chama a atenção de saída para a clareza dos conceitos, e exige rigor no vocabulário.

O Presidente do IBGE lembra que o termo “deflação” pode fazer emergir, por associação, a idéia de recessão econômica, de estagnação da economia. Quando na realidade não é nada disso. E ele explica:

— **Inflação negativa significa que os preços estão caindo e não que a economia esteja andando para trás.**

Esta distinção parece decisiva para compreender como, até mesmo sem aumento de salários, a inflação negativa pode acarretar um aumento de ganho para a classe trabalhadora. Elementar: quando os preços caem realmente, o poder aquisitivo do assalariado sobe, o dinheiro dele compra mais coisas. E Bacha acrescenta logo, a título de complementação, que não apenas os assalariados se beneficiam com uma economia sem inflação:

— **Para o investidor, é fundamental que as oscilações na economia sejam reduzidas ao nível mais baixo possível. Os preços não podem sofrer variações bruscas demais, pois tal regime acaba por comprometer seriamente qualquer projeto de estabilização.**

O Presidente do IBGE gosta de aludir a dois conceitos que marcaram o comportamento econômico do País nestes últimos trinta anos. E ele define esses conceitos em termos bastante originais: **processo ilusório** e **memória inflacionária**.

O **processo ilusório** é, no fundo, o círculo vicioso gerador de quime-

ras que acaba se transformando no efeito mais terrível do regime inflacionário. A inflação gera ganhos aparentes — os ganhos aparentes geram especulação financeira a qual por sua vez aumenta os ganhos aparentes os quais alimentam a inflação... E assim por diante, numa ciranda infernal na qual ninguém encontra mais o rabo da serpente. A convivência prolongada com esta ciranda cria na mente das pessoas um **processo ilusório** em que não se tem mais uma idéia certa do valor exato do dinheiro e em que a gente acaba se apegando aos ganhos aparentemente altos da inflação. A gente acaba se apegando à mentira gostosa, ao reino da ilusão, e não quer mais abrir os olhos para não sair dele.

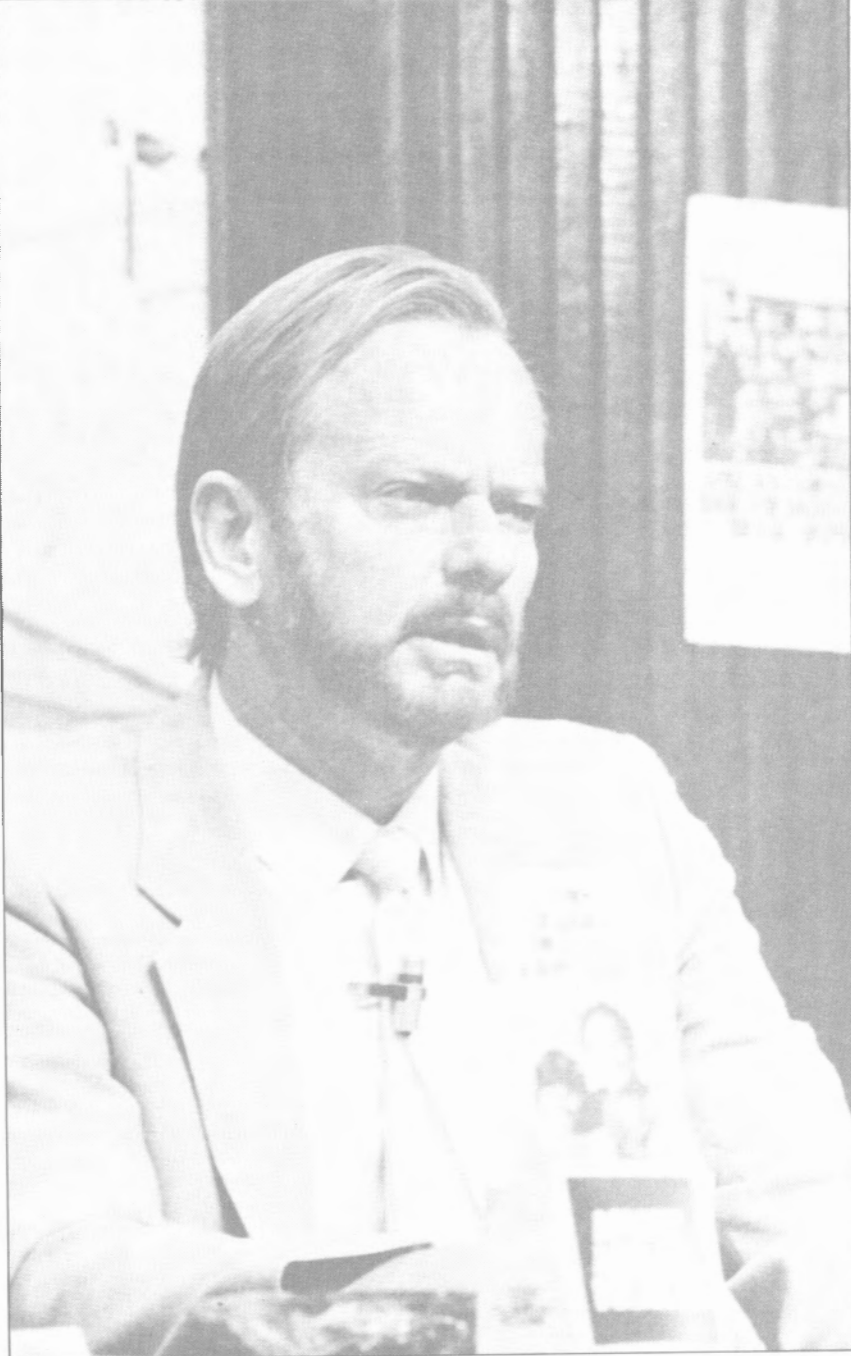
É claro que este processo ilusório cria uma memória inflacionária. O beneficiário da falsa prosperidade tem saudade da inflação, tem apego às aparências de ganho, e fica escravo de uma determinada mentalidade. Enquanto esta mentalidade não for eliminada, não haverá mudanças profundas de comportamento. Por isso, o Professor Bacha considera que, no momento, bem mais importante do que degustar a euforia desta primeira vitória, é extirpar de vez a memória inflacionária. Só depois que esta memória inflacionária estiver erradicada é que se pode pensar num descongelamento de preços. Bacha admite que as pressões para a autorização de repasses são muitas e fortes.

O próprio Governo teve perdas em algumas áreas. O economista acha que o Planalto vai precisar de muita habilidade para negociar com os setores que tiveram seus produtos congelados em níveis que podem ter comprometido a lucratividade. Ele comenta:

— **Estas são algumas pedras do caminho. Mas o principal é que entramos na era de um regime de estabilidade econômica em que os orçamentos das empresas podem ser elaborados com mais precisão.**



Foto de H. Chagas



Charles Mueller: "Um súbito alívio".

Gente nossa, fiscais do Presidente

Fotos de Paulo Villas Boas

Ede repente tudo se transformou. Como imaginar que um pobre brasileiro, massacrado por uma inflação galopante que ameaçava chegar aos 300% anuais, mudasse da noite para o dia da condição de sofredor para a condição bem mais estimulante de fiscal de preços? Aconteceu. Surge um novo Brasil, novas esperanças.

Se antes existia um grito sufocado na garganta de cada cidadão, hoje esse mesmo cidadão tem por onde fazer valer os seus direitos e reclamar quando necessário.

Foi o Pacote Econômico que chegou e mudou a vida dos brasileiros. Hábitos, costumes e manias.

Como o povo está reagindo diante das medidas econômicas atuais? Quais suas expectativas em relação à nova postura do Governo?

E o povão do IBGE? Gostou do pacote? Não gostou do pacote? Vamos ver o que mudou em suas vidas.

Virada histórica

O dia 27 de fevereiro foi um marco na vida da população brasileira.

O Governo, através do Decreto-Lei 2.283, mobilizou o País inteiro com uma virada histórica na economia nacional. Essa mudança refletiu sobremaneira no comportamento das pessoas.

Maria Luiza Milt Freitas, 40 anos, solteira, Assistente Social da DEGE/RJ, assegura que "é importante participar dessas mudanças ativamente para que se conquiste um melhor espaço em nossas vidas".

Entusiasmado e otimista com as medidas econômicas está Silvino Cavalcante de Albuquerque Junior, 33 anos, pai de dois filhos, funcionário da Diretoria de Informática, no Rio. Ele comenta:

— O pacote resgatou aos brasileiros a conscientização dos seus direitos de consumo. Não apenas pela preservação dos salários, que estão congelados, mas também pela determinação de não ser mais explorado, seja pelo padeiro da esquina ou pela agência de automóveis, na hora de comprar um carro.

NOVA IMAGEM, março-abril/1986



Maria Luiza: conquistando espaço.

O fantasma da inflação não assusta mais. A grande corrida para conquistar maior poder aquisitivo não tem mais razão de ser. Agora vive-se mais tranqüilamente. Seu Miguel, porteiro da Presidência, diz com satisfação: "Agora posso fazer compras à vista. Antes não podia pensar no assunto. Hoje, com o congelamento dos preços, já é possível".

É verdade. O que parecia um sonho, transformou-se em realidade. Em pouco tempo, uma nova esperança surgiu no País. Para o carpinteiro José Ribamar dos Santos, 43 anos, viúvo e pai de nove filhos, o pacote foi maravilhoso:

— Muita coisa mudou. Eu gastava 1.200.000 cruzeiros nas compras do mês e, agora, comprando as mesmas coisas, gastei 950,00 cruzados. Hoje estamos bebendo mais leite lá em casa.

Os fiscais do Presidente

Mas temos um longo caminho a percorrer e, segundo o ascensorista Gladstone Ferreira Mendes, 48 anos, lotado na sede do IBGE, "temos que ter paciência". Ele demonstra muita confiança no pacote e comenta:

— Agora podemos agir com autoridade, porque nos foi dado esse direito como fiscais do Presidente.

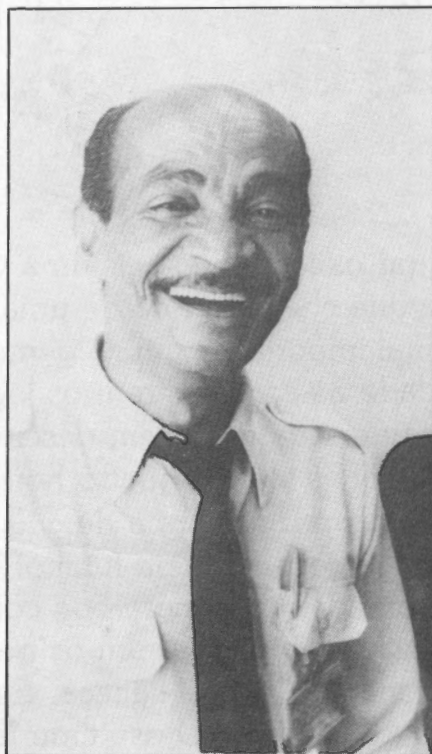
Compartilha da mesma opinião a colega Simone Brindeiro, 22 anos, solteira, funcionária da DEGE/PB:

— Senti-me uma nova brasileira, com o impacto de ver nascer um novo País. Passei a ser fiscal do Presidente. Nunca tivemos esse costume de revisar os preços, mas agora nos sentimos na obrigação de fazê-lo.

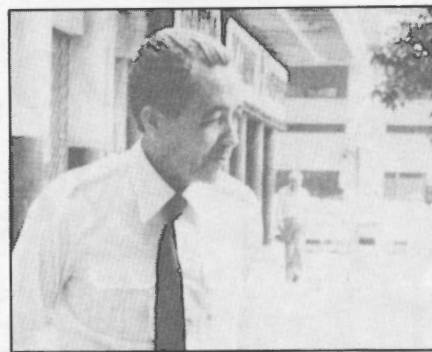


Seu José trabalha na carpintaria do IBGE, na sede Rio.

"Hoje estamos bebendo mais leite lá em casa"
(José Ribamar)



Miguel Petra da Silva, porteiro da Presidência.



Gladstone Ferreira Mendes é ascensorista: "Com paciência e autoridade".

O cruzeiro saiu de circulação e não deixou saudades mas sim "um súbito alívio", como diz o Diretor de Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia do IBGE, Charles Curt Mueller, que prossegue:

— Havia uma necessidade intensa de reduzir os efeitos da desvalorização da moeda, resultante da inflação galopante. Se antes eu era apenas um observador cético e crítico, agora torço intensamente para que o pacote dê certo.

Fazendo contas

Tabelas de conversão na mão, máquinas de calcular. É chegada a hora. Os brasileiros viram-se às voltas com a nova moeda — o cruzado. A reforma introduziu o hábito de fazer contas, até então privilégio de "homens de negócios".

É fácil fazer a conversão?

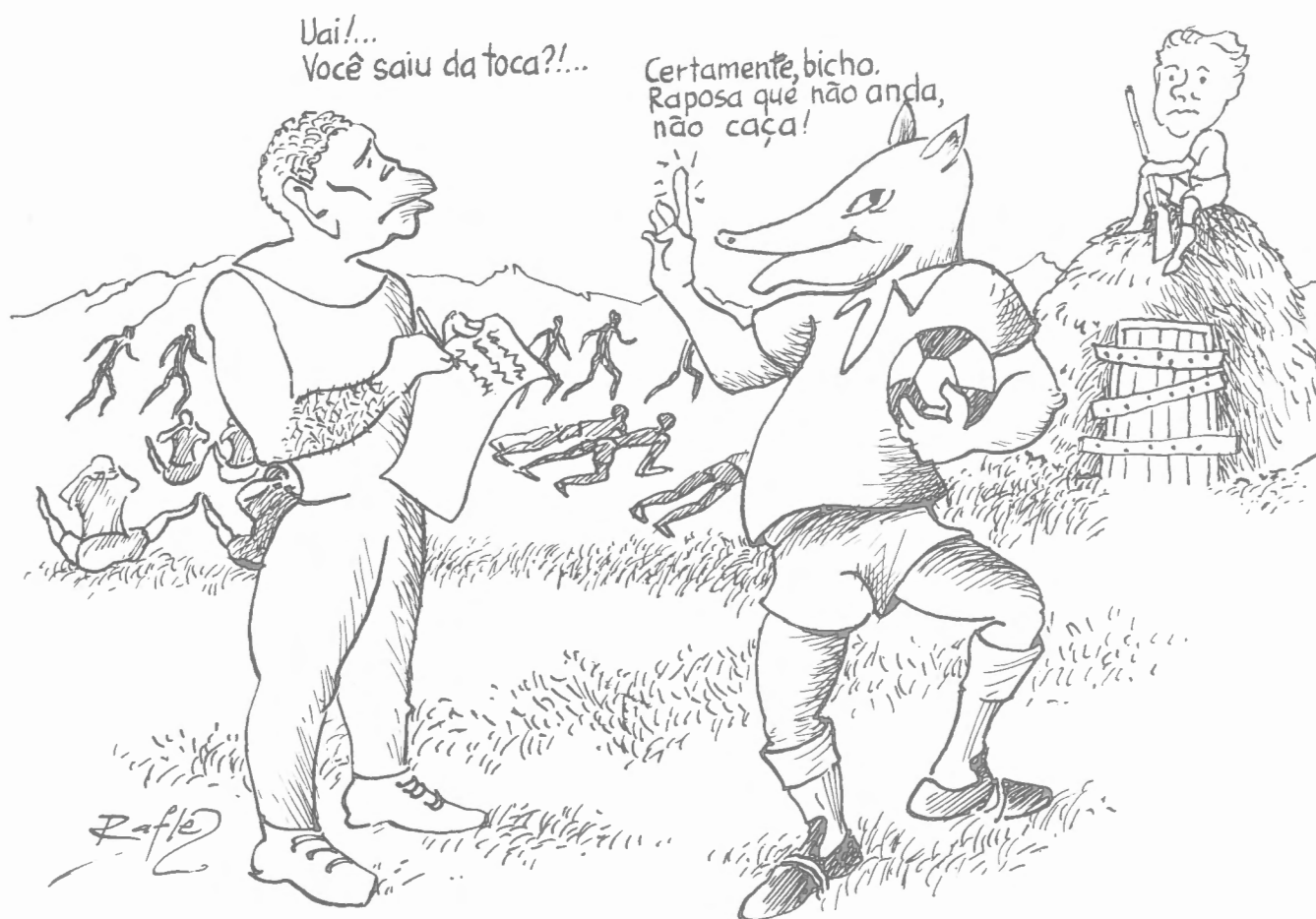
"Não, não é fácil. Estou por fora ainda. Acho enrolado passar de cruzeiro para cruzado", diz seu José, que ainda não está familiarizado com esta nova tarefa. No entanto, Gladstone confia em que "com prática, tudo fica mais fácil".

Mas Simone ainda "tem algumas dúvidas" para calcular a mensalidade escolar. Enquanto Maria Luiza e o Prof. Charles Mueller não encontram dificuldades na realização das conversões.

Espirituosos, os colegas Silvino e Miguel concordam em que "tudo fica mais fácil com uma calculadora ao lado".

Estamos vivendo um novo tempo. Sem sobressaltos. É o começo da luta. O povo reaprendeu a sonhar.

Concentração vale a pena?



Concentrar ou não concentrar os jogadores, eis uma velha discussão no futebol. Que se reaquece cada vez que chega a hora de uma Copa do Mundo. Ou de qualquer disputa internacional importante. Muita gente — inclusive o pessoal da CBF — defende a necessidade de se manterem os jogadores concentrados. Em nome do espírito de equipe, que seria mais bem desenvolvido assim; e para que a moçada, vivendo futebol as vinte e quatro horas do dia, solte essa pressão toda em campo, na forma de gols. Muitos outros já acham, porém, que os jogadores de futebol — sejam ou não da Seleção — devam ficar à vontade, gozando a boa companhia da família e dos amigos, sempre que não estejam ocupados com os treinamentos e as exigências técnicas. Isso, sim, faria um tremendo bem à cabeça. E resultaria num desempenho mais solto nos entreveros de bola e gol. Desse time faz parte o cronista Sérgio Cabral. Vamos conhecer também as opiniões de alguns ibgeanos:

Antônio Penteado, Assessor da Presidência para Assuntos de Propaganda e Relações Públicas, explica seu ponto de vista: "Eu estou com o João Saldanha, quando diz que 'se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária seria campeão'. Acho que a Toca da Raposa acaba virando um *campo de concentração*. É claro que é preciso disciplina e treinamento rígidos, mas daí a prender o cidadão num lugar como a Toca da Raposa há uma grande diferença. Se os jogadores não estivessem submetidos à feitoria dos *campos de concentração* (Toca da Raposa), seriam levados conscientemente à formação de um senso de responsabilidade muito maior. Responsabilidade não se incute, é uma coisa inata e desenvolvida ao longo da vida".

Já Alcyralva Araújo de Sousa Santos, Secretária na Delegacia do Pará, acha que para um bom desempenho dos jogadores a concentração é necessária. "É através da disciplina que se consegue um bom trabalho." Pondera, porém, "que uma folguinha de vez em quando é preciso, porque ninguém é de ferro".

Antônio Augusto Leite de Castro, Delegado do Ceará, acredita que para qualquer profissional, o fundamental é o bem-estar, através do equilíbrio físico, mental e social: "Qualquer exigência, que restrinja a vida normal, tem efeito negativo. Portanto, uma concentração às vezes demorada, longe da família, é prejudicial aos jogadores, porque, se o lado físico é preservado, o emocional fica muito desgastado. Acho que para maior equilíbrio é necessário mais liberdade, que, aliás, seria ideal para o bom andamento dos trabalhos desenvolvidos pela CBF".

O Chefe do Gabinete da Presidência, Antônio Carlos Austregésilo de Athayde, não é favorável aos excessos: "A concentração deve se limitar ao mínimo indispensável, no sentido de que os jogadores adquiram a consciência da disciplina e do companheirismo. Além disso, é excessivo".

Mas João da Costa Sampaio, Chefe do Serviço de Divulgação e Biblioteca da Delegacia de Minas Gerais — SERDIB, acha que vale a pena: "É indispensável. Sem concentração os jo-



Foto de Paulo Villas Boas

Alcyralva, do Pará: "Ninguém é de ferro".



Para Antônio Augusto, o fundamental é o bem-estar.



Foto de H. Chagas

Antônio Carlos de Athayde não é favorável aos excessos.

gadores não teriam a mínima condição de praticar o futebol com o vigor que ele exige. Acho muito bom que a Seleção esteja concentrada na Toca da Raposa, aqui em Minas Gerais. Eu posso afirmar, com segurança, que a Toca apresenta as condições ideais para a preparação dos jogadores. É um lugar tranquilo e sossegado, eu já pude comprovar pessoalmente".

Marlene Delgado de Oliveira, Secretária da Delegacia do Rio Grande do Sul, é também favorável à concen-

tração dos jogadores: "Vale a pena, porque assim eles podem se preparar física e espiritualmente. Lá eles podem ficar livres de preocupações, não totalmente, mas pelo menos não se envolvem diretamente com outros assuntos que não seja futebol".

Domingas Meireles da Paixão, enfermeira do Departamento Médico — DEMED, diz que a concentração não é uma boa, porque os jogadores passam muito tempo longe das famílias: "Ficam na concentração mas a cabeça



Domingas, do DEMED: com a cabeça em casa.



Jorge, do DEPES: em princípio, contra.



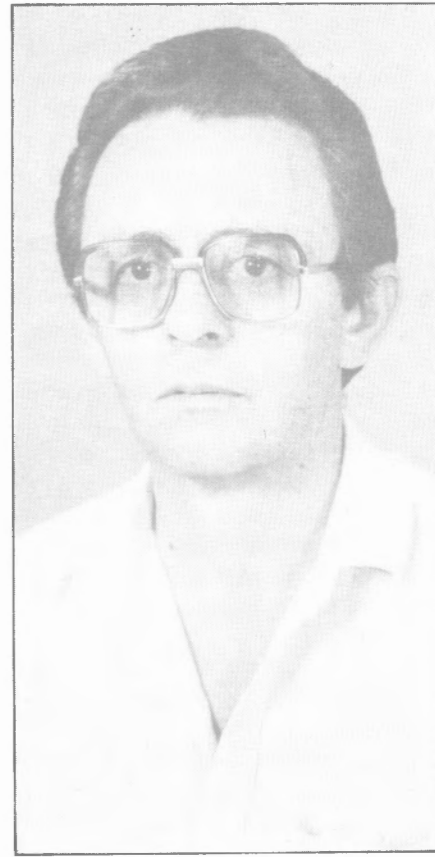
João é favorável à concentração: "É indispensável".

fica em casa". Domingas tem até mesmo uma proposta bem original para resolver o problema: "Deveriam fazer o seguinte: primeiro, o jogador ficaria com a família até o dia do jogo; depois ele ficaria concentrado. No fim, era só comparar os dois desempenhos e ver onde ele se saiu melhor".

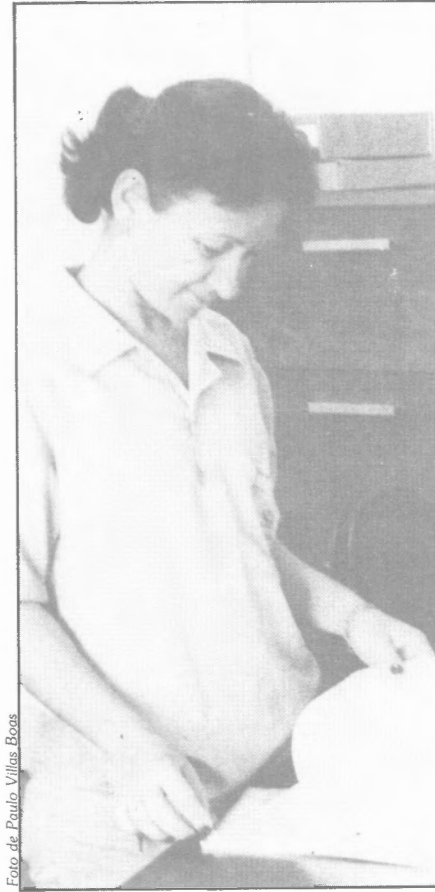
Jorge Alberto da Silva, Técnico de Administração, lotado no Departamento de Pessoal, é em princípio contra a concentração, "pois não vejo relação entre a produção dos jogadores e o isolamento. Se eles são profissionais conscientes dos deveres que têm para com a Seleção, devem ser também responsáveis pelas atitudes e comportamentos que venham a ter às vésperas de um jogo".

Hélder de Aragão Araújo, Delegado do Piauí, crê que, "se houvesse mais elasticidade, os jogadores renderiam muito mais".

Alvina de Almeida, que trabalha no IBGE como servente pela firma SADI, acha que concentração demais é desnecessário. "Mas não deixa de ser válido, porque na Copa lá no México o negócio vai muito é da sorte dos jogadores. Se der pra ganhar assim com uns dois ou três golzinhos, vai ser uma boa."



Hélder Araújo: liberdade para o rendimento.



Alvina quer é gols.

OS CONCENTRADOS

SÉRGIO CABRAL

O maior autor de frases sobre o futebol brasileiro não é Gentil Cardoso nem Neném Prancha. É João Saldanha, o antigo técnico do Botafogo e da Seleção brasileira e, sem dúvida, o mais importante comentarista esportivo da história da comunicação em nosso País. O próprio João, porém, não faz a menor questão de valorizar-se pelas suas criações, pois muitas das suas frases ele próprio as atribui a Neném Prancha, o folclórico técnico de futebol de praia da infância de João Saldanha, em Copacabana.

Uma das frases que João Saldanha criou e atribuiu a Neném Prancha foi a seguinte: "Se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária seria campeão todos os anos". Uma frase que, sem dúvida, contém tanto de humor quanto de sabedoria (aliás, Millôr Fernandes defende a tese de que todas as frases célebres contêm humor: desde as de Cristo — "Dai a César o que é de Cesar; a Deus, o que é de Deus" — até os pensamentos revolucionários de Lênin, como, por exemplo: "O que é um assalto a banco diante do próprio banco?").

A frase de João Saldanha me vem à cabeça, novamente, porque vinte e tantos jovens brasileiros estão vivendo num regime que é uma espécie de cárcere privado, em nome da necessidade da conquista do campeonato do mundo. Será que vale a pena? Tenho minhas dúvidas. Não acho a menor graça na convivência de uma porção

de homens, dia e noite, conversando exclusivamente sobre futebol e nada mais do que futebol. O pileque que Leandro e Renato tomaram, em fins de fevereiro, foi, sem dúvida, uma reação perfeitamente humana. Afinal, jogador de futebol não é boi estabulado para ser servido nas churrascarias de São Paulo.

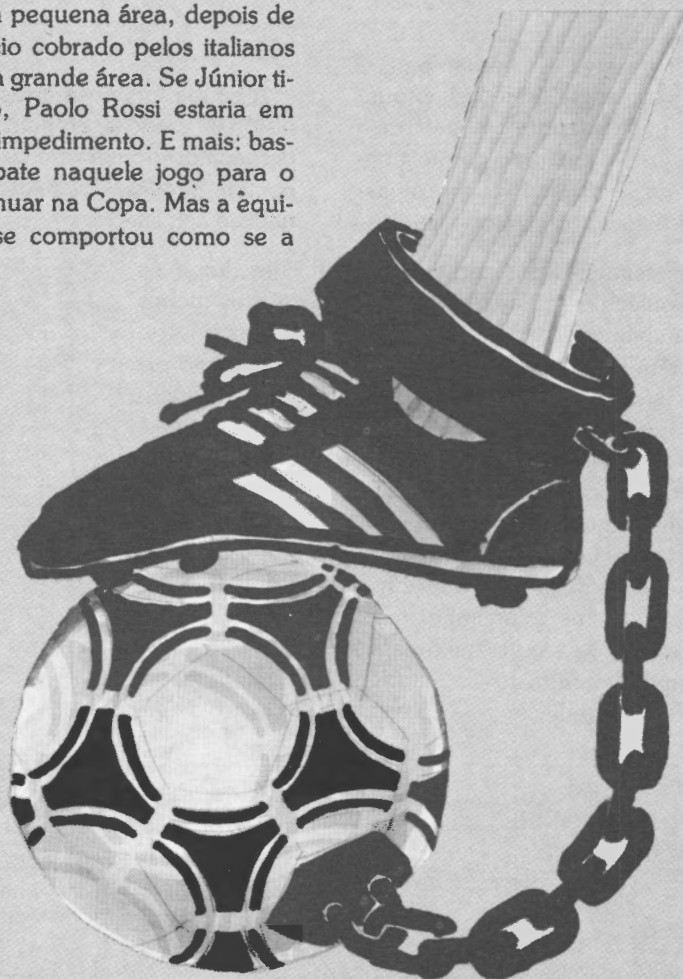
"Mas esse é o único jeito de preparar os jogadores tanto física quanto psicologicamente", diria um desses filhos do prussianismo do esporte.

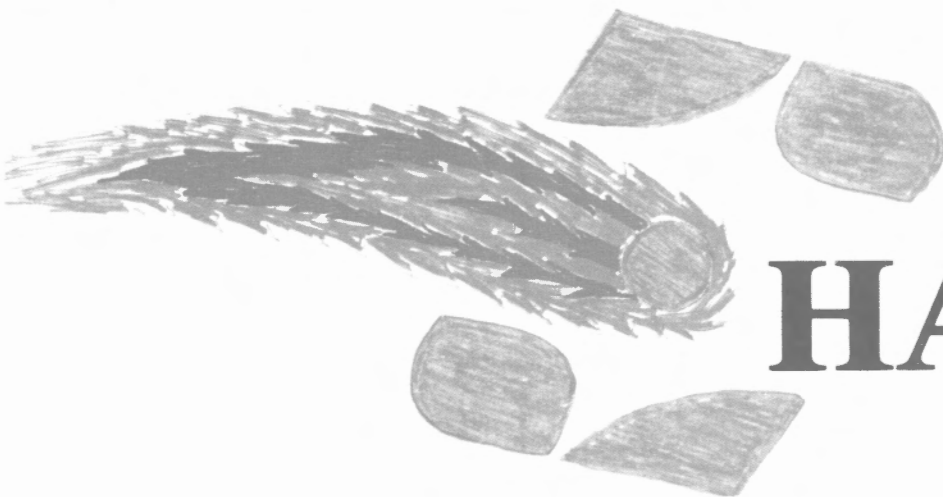
Não é verdade. Na Copa de 82, os jogadores da Seleção brasileira passaram pelo mesmo regime de concentração e o que se viu foi uma derrota para a Itália por absoluta falta de atenção. Perdemos aquele jogo porque Toninho Cerezo passou a bola para o adversário e porque Júnior não saiu da pequena área, depois de um escanteio cobrado pelos italianos para fora da grande área. Se Júnior tivesse saído, Paolo Rossi estaria em posição de impedimento. E mais: bastava o empate naquele jogo para o Brasil continuar na Copa. Mas a equipe inteira se comportou como se a

vitória fosse fundamental, e se mandou para frente. Foram erros que não seriam cometidos por um time que — segundo os defensores das longas concentrações — estivesse recebendo um tratamento *full-time* para o corpo e para a cabeça. Nada disso. Sou mais o funcionário do IBGE que chega de manhã, sai à tarde e, à noite, vai cuidar da sua vida. Asseguro que o seu trabalho sai direitinho. Aliás, quando os trabalhadores de Chicago fizeram greve, no início do século, pelo direito de trabalhar oito horas por dia, eles queriam, na verdade, ter oito horas para dormir e oito horas para o lazer. Não creio, portanto, em longas concentrações.

Senão, o time da penitenciária seria campeão todos os anos.

MELLO MENEZES é um dos mais brilhantes entre os desenhistas e artistas gráficos do País. Seus trabalhos podem ser vistos em galerias de arte brasileiras e estrangeiras, e em inúmeras capas de livros, discos, encartes, cartazes e tudo mais que as artes gráficas permitem criar. Neste número, MELLO MENEZES fez um desenho exclusivo para ilustrar a crônica de Sérgio Cabral.





O COMETA HALLEY

O Cometa Halley foi e vem sendo o grande assunto, desde que se voltou a falar, ano passado, na passagem dele pelos nossos céus. Uma excitação mais do que natural. Trata-se, afinal, de um personagem raro, que só nos visita a cada 76 anos. Um célebre vagabundo do espaço que há séculos desafia os cientistas, sempre empenhados em decifrar seus mistérios.

Os que o viram em 1910 descrevem a fantástica aparição das maneiras mais fascinantes. Dona Almerinda, senhora já falecida, avó de uma ibgeana, gostava de contar para a neta ainda menina sobre "a vassoura de fogo que descia do céu e varria a Terra de luz. E, em torno daquela bola de fogo lá no alto, caíam os astros". A última parte da poética des-

crição refere-se às estrelas cadentes, que sempre acompanham os cometas.

Na lembrança do grande poeta Carlos Drummond de Andrade, um garotinho em 1910, "o Cometa Halley apareceu mais nítido, mais denso de luz e airoso deslizando sobre as nossas cabeças sem dar confiança de exterminar-nos. Sáfmos para a rua banhados de ouro, magníficos e esquecidos da morte, que não houve. Nunca mais houve cometa igual, assim terrível, desdenhoso e belo".

A cauda luminosa arrasta lendas, histórias, crenças, crendices. E a esperança do homem de desvendar o cometa através dos telescópios, lunetas e satélites.

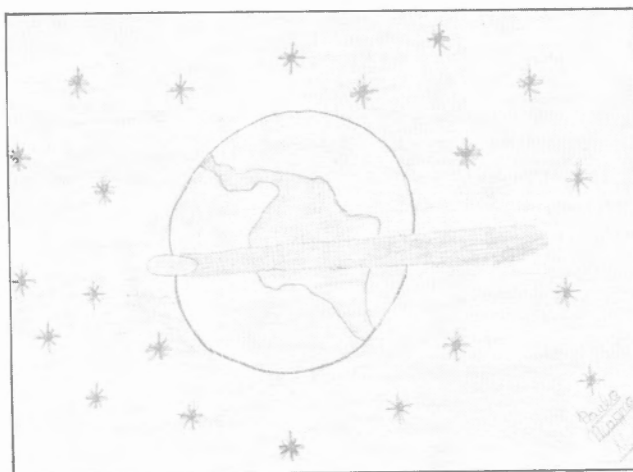
Dessa vez a visita do cometa não foi tão sensacional quanto em 1910, quando a Terra atravessou a sua cauda. O Halley apresentou-se como uma distante nebulosa. Mas, ainda assim, sempre desafiando a gente a acompanhá-lo na eterna viagem rumo ao infinito.

E para as crianças, essas criaturinhas maravilhosas, que vão reinventando a vida à medida mesmo que aprendem a viver? O que é o Halley nas suas cabecinhas?

Nós combinamos os sonhos e fantasias de crianças ibgeanas com a informação científica do Professor Ronaldo Mourão, astrônomo brasileiro respeitado no mundo todo. E vocês mesmos podem agora avaliar os resultados.

O aparecimento dos cometas constitui um dos mais belos espetáculos da astronomia, devido a seus fachos que, iluminando o céu durante algumas semanas ou meses, têm provocado sempre um enorme impacto social. De fato, o desconhecimento de sua origem, trajetória e natureza, bem como sua associação a flagelos, guerras e morte de reis, justificava a crença de que os cometas fossem o prenúncio de desgraças. Hoje, com o conhecimento de sua provável origem, natureza e órbita, todas estas crenças são totalmente infundadas. Sabemos que os cometas são, sem dúvida, um dos menores corpos do sistema solar: minúsculos conglomerados de rochas e gelo de alguns quilômetros de diâmetro, que, ao se aproximarem do Sol, iluminam-se rapidamente sob o efeito da radiação solar, deixando um rastro de ga-

PAULO MAGNO



ses e de poeira em sua traseira que reflete e difunde a luz do Sol. Alguns cometas aparecem de súbito, enquanto outros reaparecem periodicamente. O mais célebre destes cometas periódicos é o Halley, visível a cada 76 anos, aproximadamente.

Em 26 de agosto de 1682, os astrônomos franceses Jean Picard (1620-1682) e Phillipe La Hire (1640-1718), em Paris, descobriram um cometa visível

NOVA IMAGEM, março-abril/1986

FELIPE HENRIQUE



“Eu perdi minha chupeta. Quem achou foi o cometa”

(Ana Paula)

“Eu estava procurando o cometa. A Lua me derrubou”

(Rodrigo, 4 anos, que corria, olhando o céu enluarado e levou um tombo)

“O Cometa Halley é como uma cobra. Só tem rabo”

(Cláudia Regina Silva de Azevedo)

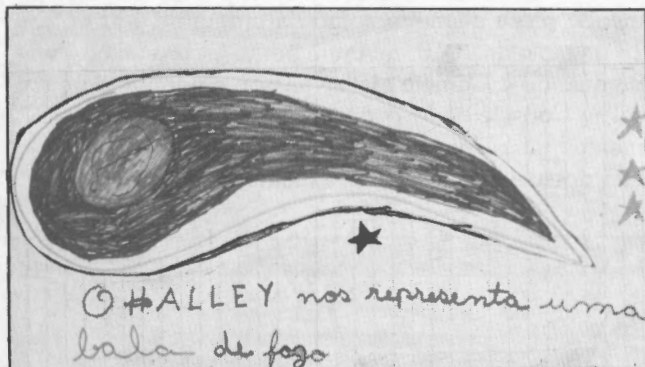
“Um passarinho que voa bem alto, com asas de sol”

a olho nu. Em Greenwich, o astrônomo inglês John Flamsteed (1646-1719) também o observou. Mais tarde, em 1702, o astrônomo inglês Edmund Halley (1656-1742) aplicou as equações desenvolvidas pelo cientista inglês Isaac Newton (1642-1727), sobre o movimento dos corpos celestes, para determinar as órbitas de 24 cometas observados de 1337 a 1686. Constatou que os Cometas Apianus (1531), Kepler (1607) e Picard (1682) possuíam elementos orbitais muito semelhantes e deviam constituir um único cometa que reaparecia a ca-

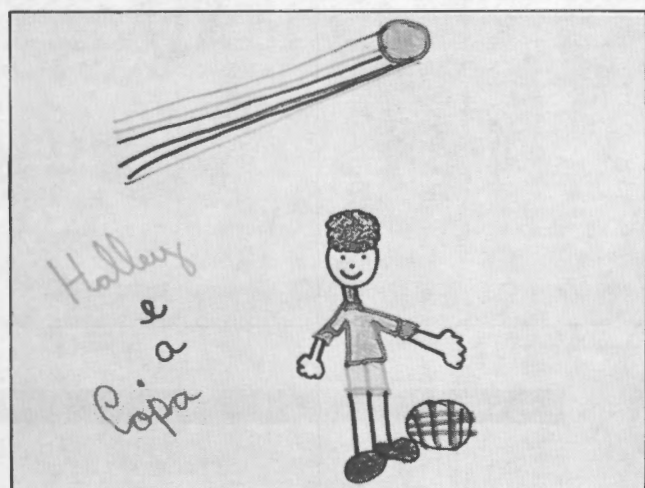
MARCOS



ANA PAULA



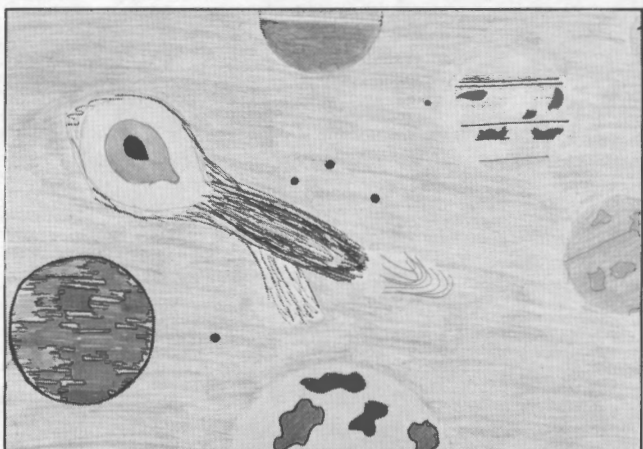
ANA CRISTINA



mento causou grande comoção, chegando a provocar pânico, pois anunciou-se que a Terra atravessaria a sua cauda com grande perigo para a humanidade. Realmente, tal fato ocorreu, sem maior efeito, que uma fraca luminescência no céu. Os astrônomos brasileiros Henrique Morize (1860-1930) e Domingos Fernandes Costa (1882-1956) registraram suas impressões e determinaram a posição precisa do cometa em 1910, no Morro do Castelo (atual Esplanada do Castelo), onde estava instalado o Observatório Nacional, no Rio de Janeiro.

A menos de 220 milhões de quilômetros do Sol, é fácil distinguir-se, em todos os cometas notáveis, três partes: um núcleo, uma cabeleira e uma cauda. O núcleo e a cabeleira constituem a cabeça do cometa. A cauda se apresenta sempre em direção oposta àquela do Sol. Tal estrutura é bastante variável. A cabeça pode ser mais ou menos extensa, enquanto a cauda, retilínea ou curva,

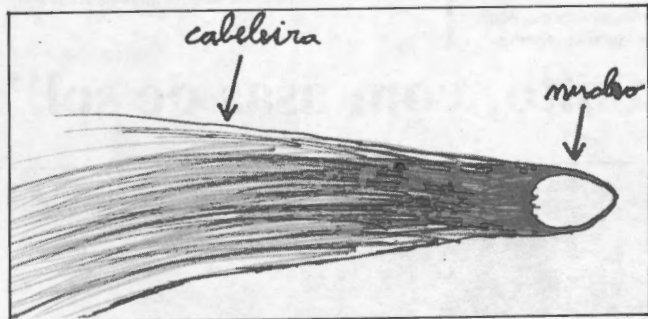
ALESSANDRA



da 76 anos. Previu o seu retorno para 1759, o que ocorreu. Desde então, este astro passou a ser denominado Cometa Halley.

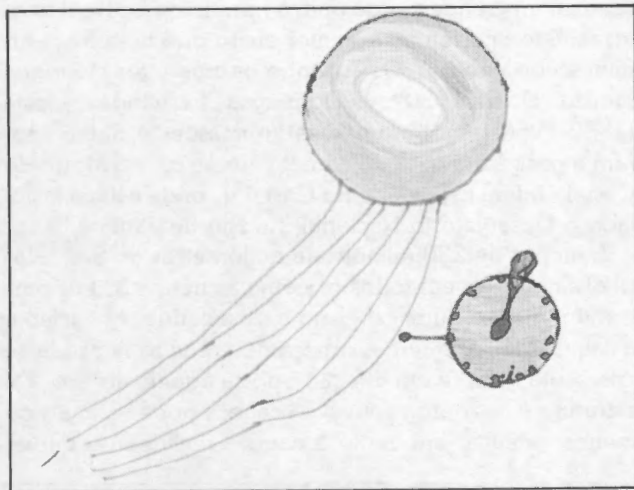
Diversos estudiosos, analisando os relatos e comentários de historiadores e cronistas, concluíram que sua passagem vinha sendo assinalada desde a mais remota antiguidade; seu registro mais antigo data de 240 a.C. Sua última passagem se deu em 1910, quando o apareci-

simples ou múltipla, mostra uma constituição de poeira e gás. O aspecto de um mesmo cometa muda, rapidamente, em função de sua distância ao Sol. A cabeça se contrai à medida que se aproxima do ponto mais próximo do Sol, enquanto surgem uma ou mais caudas cada vez mais extensas. A uma distância superior a 450

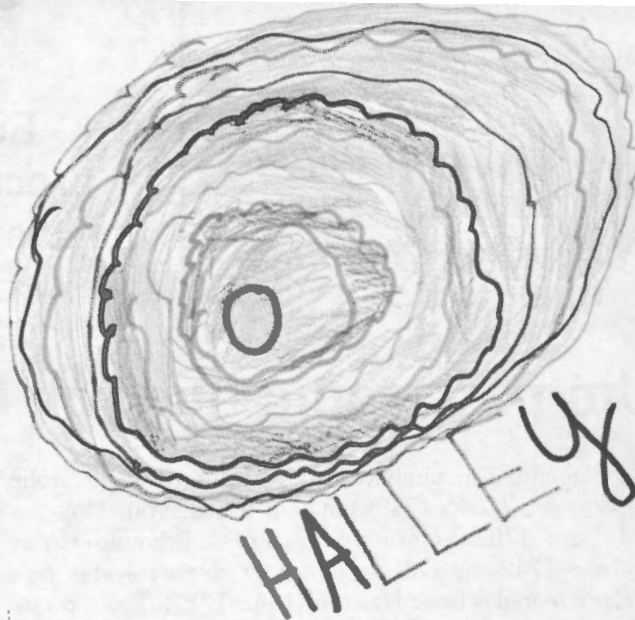


milhões de quilômetros do Sol, a cauda freqüentemente desaparece e o núcleo se torna difuso e nebuloso.

A aparência telescópica de um núcleo depende do instrumento utilizado. Com um instrumento de pequena abertura (20 cm), observar-se-á, no interior da cabeleira, uma pequena nebulosidade brilhante. Entretanto, com um instrumento mais potente, esta nebulosidade apresentar-se-á como uma pequena mancha circular, de alguns minutos de arco de diâmetro. A tal núcleo damos o nome de núcleo nebuloso. Admite-se a existência de um núcleo sólido, denominado núcleo estelar. A sua ob-



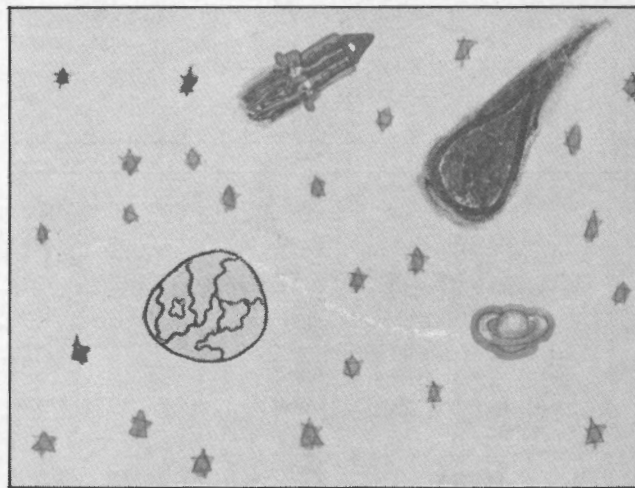
ANA CRISTINA



MARCUS VINICIUS

servação é extremamente difícil. O cometólogo francês Fernand Baldet (1885-1964) observou, com a ajuda da grande luneta de Meudon (0,80 m de abertura), o núcleo estelar dos cometas periódicos Pons-Winnecke (1927 VII) e Schwassmann-Wachmam 3 (1930 VI), estimando o seu diâmetro como da ordem de 400 m. Em 18 de maio de 1910, nenhum ponto escuro foi observado quando o Cometa Halley passou em frente do disco solar. Considerando o poder de resolução dos instrumentos utilizados, pode-se concluir que o seu núcleo não possuía corpo sólido de diâmetro superior a 7 km.

FÁBIO



PAULA

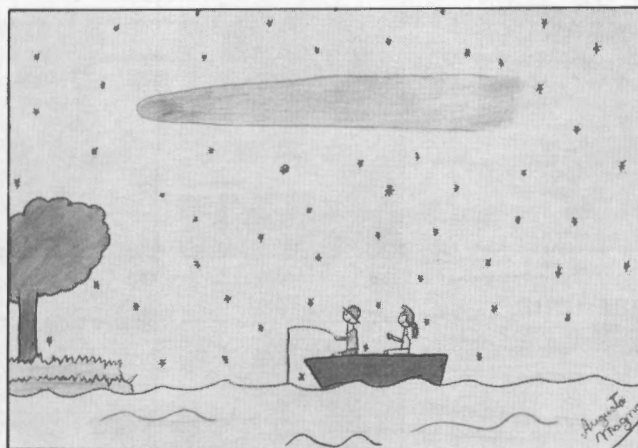
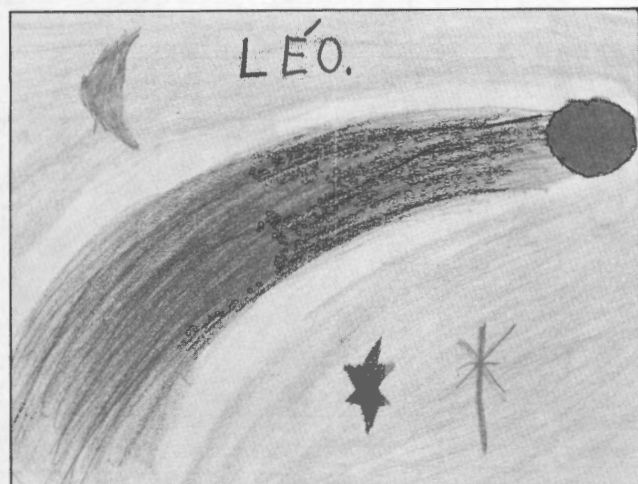


O COMETA HALLEY

NOVA IMAGEM, março-abril/1986

No Cometa West (1976 VI), descoberto em 1975, em La Silla, Chile, foi possível observar, na grande luneta do Observatório Nacional, no Rio de Janeiro, quatro núcleos, fenômeno aliás muito raro.

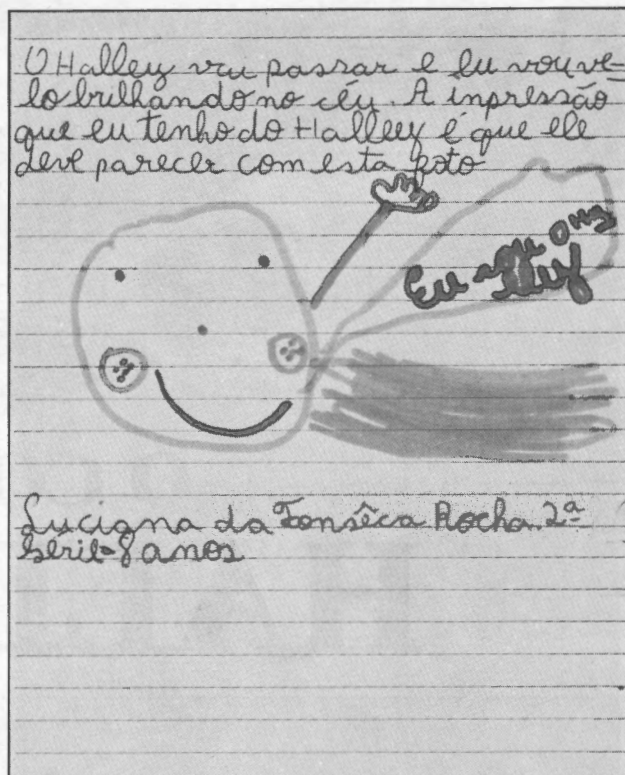
Em 1969, ao observarmos o Cometa Bennett no foco da grande luneta equatorial de 46 cm do Observatório Nacional, tivemos ocasião de assistir ao desenvolvimento das formações luminosas análogas a jatos espirais. Esses jatos, sob a forma de camadas luminosas concêntricas, são a origem da cabeleira e da cauda dos cometas. Em uma de nossas fotografias registramos a emissão de um jato de matéria oriunda do núcleo do cometa.



“Se eu fosse uma estrela, eu podia ver o Cometa Halley bem de pertinho, mas, como sou criança, não posso vê-lo, pois vou dormir cedo. E daqui a 76 anos não vou poder mais ver o Cometa Halley, pois já vou estar velha gagá”

(Melissa Sobral de Macedo, 9 anos)

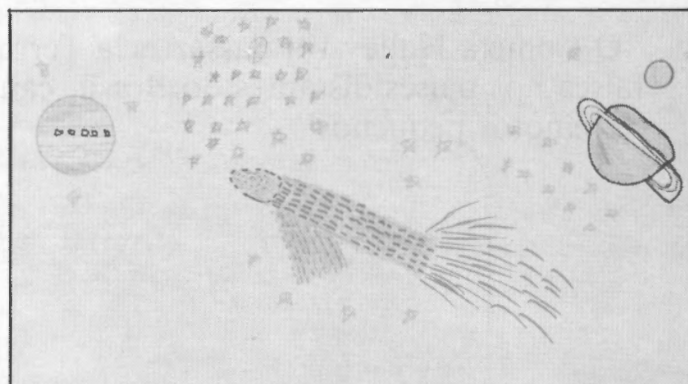
LUCIANA



LEONARDO

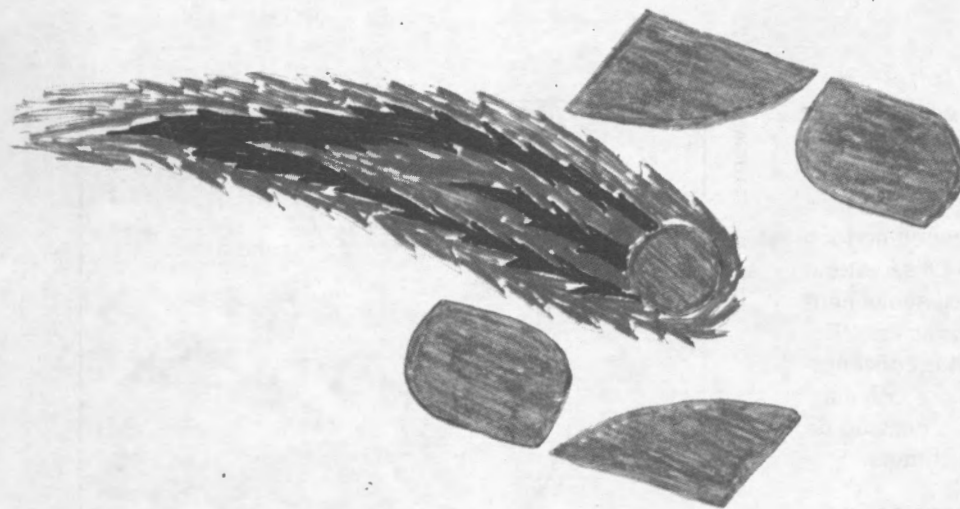
A natureza dos cometas é ainda bastante misteriosa. A teoria atualmente mais aceita é aquela do astrônomo holandês Jan Hendrick Oort (1900-). Ele supõe a existência de um importante anel de cometas, situado muito distante da Terra. Esse anel fica a aproximadamente 20 trilhões de quilômetros do Sol. Esta nuvem contém mais de 100 milhões de cometas, que descrevem órbitas quase circulares em torno do Sol. Somente um em cem mil atinge as proximidades do Sol, em virtude de perturbações oriundas das estrelas mais próximas do sistema solar.

AUGUSTO MAGNO



INAJARA

O Professor Ronaldo Mourão conhece a matéria. E também o pequeno Luis Eduardo; e Ricardo, que retratou a si mesmo olhando o Halley através de luneta; e Renato, que curiosamente o associa à Copa do Mundo. Crianças ibgeanas. Doces crianças, de lugares tão diversos a procurar no céu o rastro do cometa. Na ingenuidade do traço e na poesia das palavras elas descobriram a verdade do Halley.



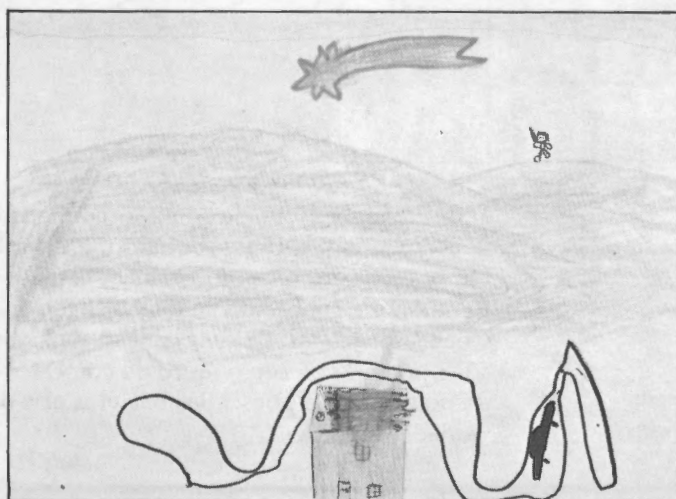
O COMETA HALLEY

LUIS EDUARDO



“O Cometa Halley vai passar pela Terra e jogar uma faísca nos países distantes do Brasil, causando terremotos pequenos”

(Marcus Vinicius Ataíde do Nascimento)



RICARDO

Participaram desta reportagem:



Marcos



Fabrício



Luis Eduardo



Marcus Vinicius



Fábio



Silvana



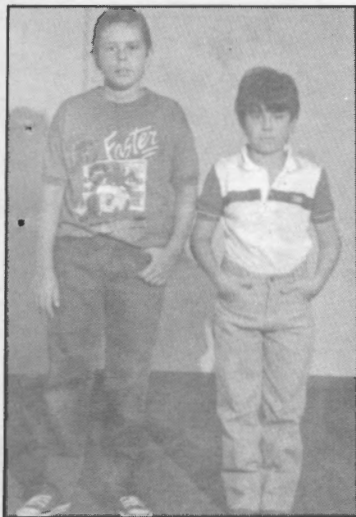
Ivani



Alessandra



Inajera



Augusto e Paulo **Ronaldo Mourão**

RONALDO ROGÉRIO DE FREITAS MOURÃO, Diretor do Museu de Astronomia do Observatório Nacional, no Rio.

DJALMA CARDOSO DE ALMEIDA, funcionário da Delegacia do Amapá, fez o desenho que usamos para selo de nossa reportagem.

LEONARDO GUERREIRO DE MIRANDA RANGEL, 7 anos, autor da frase-título da reportagem. É filho de Rosalvo Miranda Netto, chefe da Agência de Patrocínio — MG.

MARCOS BETONI, 12 anos, filho de Valter Spada Betoni, Agente de Coleta de Dourados — MS.

ANA PAULA DE ALENCAR BECKMANN, 5 anos, filha de Dayse Sebastiana Beckmann, Agente de Coleta — PA.

MARCUS VINÍCIUS ATAÍDE DO NASCIMENTO, 6 anos, filho de Maria Fátima do Nascimento — DEGE/PA.

IVANI VILA REAL DE OLIVEIRA, 9 anos, filha de Raimunda de Oliveira — DE-GE/PA.

DEUSELI CAMPOS ALVES, 11 anos, sobrinha de Antônio Alves Neto, Agência de Liberdade — MG.

SILVAMA ALEXANDRE DIAS, 7 anos, filha de Miguel Dias, da Agência de Liberdade — MG.

LEONARDO HENRIQUE e FELIPE HENRIQUE, 8 e 5 anos, filhos de Antonio Eustáquio Antunes — DEGE/MG.

AUGUSTO MAGNO e PAULO MAGNO, 10 e 8 anos, filhos de Paulo Augusto Gonçalves — DEGE/MG.

ANA PAULA, 8 anos, filha de José Ribamar, chefe do Serviço de Administração — DEGE/DF.

FÁBIO SOUZA DO ESPÍRITO SANTO, 8 anos, filho de Samuel Gonçalves do Espírito Santo — DEGE/MG.

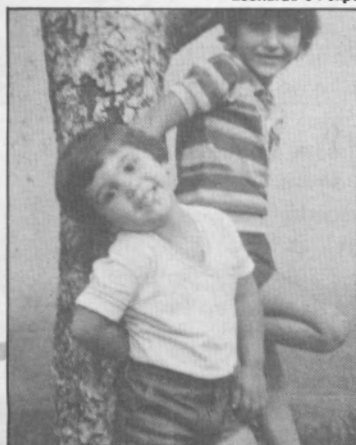
LUIS EDUARDO SALES RIBEIRO, 4 anos, neto de Francisco Sales Neto — DEGE/MG.

RENATO e RICARDO, 10 e 6 anos, filhos de Elza Maria Menezes — DE-GE/MG.

FABRÍCIO BRAGA ALQUIMIM, 11 anos, filho de Maria Marly Braga Lima — CEDIT/Rio.

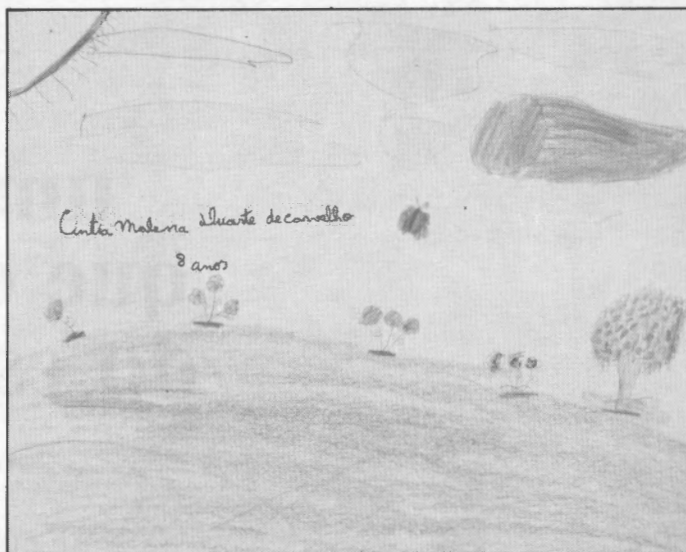
ALESSANDRA e INAJARA GIMENEZ DA SILVA, 14 e 10 anos, filhas de Rôni Pereira da Silva — DEGE/RS.

Obs.: E outros pequenos colaboradores, que se esqueceram ou de mandar fotos ou informações suficientes. E tem muita gente já identificada no próprio desenho.



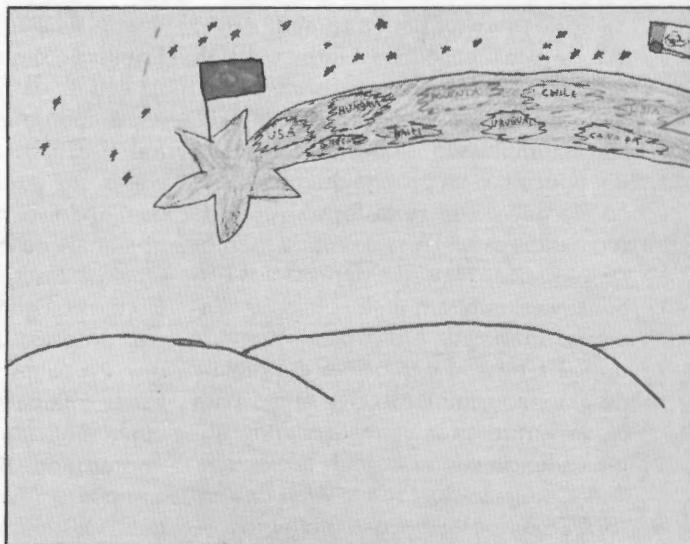
“Gostaria muito de agradecer ao cometa por ele estar embelezando o céu do nosso querido Brasil”

(Silvama Alexandre Dias)

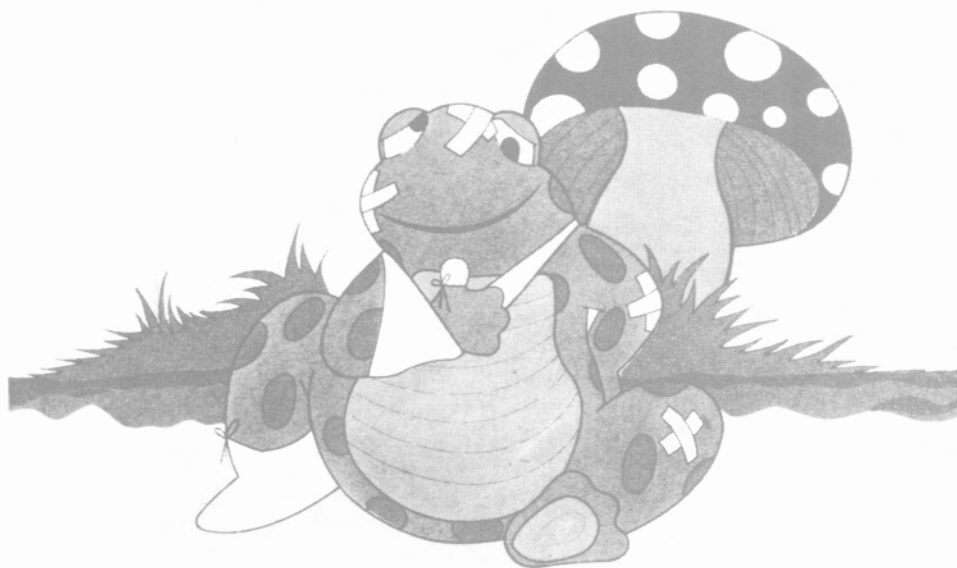


“Uma coisa linda!
Um grande mistério
Uns esperam sorrindo,
Outros esperam sérios”

(Deuseli Campos Alves)



um sapo que escapou do escorpião



Ao se preparar para a comemoração de seu Jubileu de Ouro, o IBGE descobriu, entre surpreso e incrédulo, que, durante este meio século de existência tumultuada, se havia descuidado um pouco de sua própria memória. Logo ele que é, de certa forma, um dos segmentos essenciais da própria memória do País!... Mais que depressa os responsáveis reuniram uma comissão altamente qualificada e o *Projeto Memória do IBGE* passou a trabalhar em regime de grande estimulação. De então para cá, as surpresas se vêm sucedendo numa cadência cada vez mais acelerada.

A Comissão do *Projeto Memória do IBGE*, composta de oito membros —

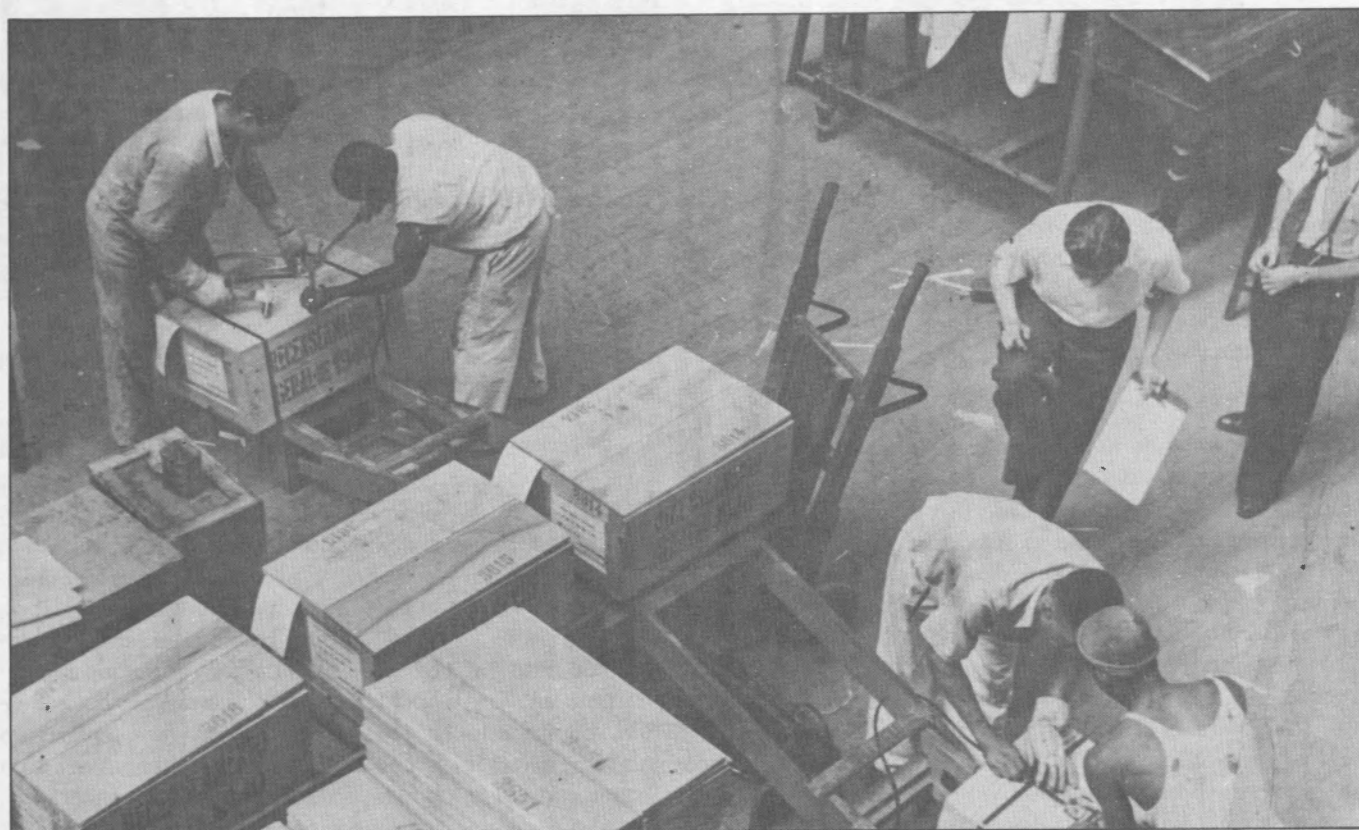
dos quais sete funcionários da própria Instituição e um especialista em memória verbal, da Fundação Getúlio Vargas —, é coordenada pela Biblioteca Central (BICEN). De um dia para outro, coisas que pareciam de pouca valia vão ganhando o destaque que merecem nos anais da entidade. Francisco José Queiroz Freire, um dos membros da Comissão, guarda em casa um exemplar do disco de Carmem Miranda em que ela canta um samba de Assis Valente, intitulado “O Recenseamento”, em homenagem ao Censo de 1940. No mesmo ano, um funcionário do IBGE compôs a “Canção do Ibgeano”, da qual existe um registro (letra e música)

nas prateleiras da BICEN, e que estava praticamente esquecida. As primeiras pepitas levam os garimpeiros a apurar os métodos de garimpagem. De conversa em conversa, os pesquisadores acabaram sendo levados aos arquivos da antiga Rádio Nacional, no velho edifício de *A Noite*, no Rio de Janeiro, na Praça Mauá, onde o IBGE teria ficado instalado por algum tempo, logo após sua fundação. Lá, a Comissão encontrou gravações de vários discursos do Embaixador Macedo Soares, que, à época, acumulava as funções de Interventor em São Paulo, Interventor no Rio de Janeiro e de primeiro Presidente do IBGE.



Fotos de arquivo

Fase de consolidação: o cientista César Lattes (no centro) visita o Conselho Nacional de Geografia, um dos núcleos formadores do IBGE.



Material do Recenseamento Geral de 1940. Este censo iria impor, em definitivo, a presença do IBGE na produção de estatísticas demográficas no País.



Na fase heróica de seu início, o IBGE se instalou nesta sala do edifício de A Noite, na Praça Mauá, onde funcionava a Rádio Nacional.

E assim vão caminhando os pesquisadores da Comissão, de espanto em espanto. Descobriram, por exemplo, que havia um setor do IBGE funcionando na casa onde morava Delgado de Carvalho, um dos “pais” da geografia brasileira.

O Projeto pretende naturalmente ordenar, com o máximo de técnica e cuidado, todos esses achados e, num primeiro prazo, organizar uma exposição cuja inauguração, no próximo dia 29 de maio, marcará a abertura oficial dos festejos do cinquentenário. No momento, os pesquisadores estão ainda na fase de seleção e montagem do material, que compreende basicamente documentos fotográficos, textos, obras raras, equipamentos de trabalhos dos tempos heróicos da geografia de campo e recursos audiovisuais.

Eufóricos com os primeiros resultados de seu trabalho, os membros da Comissão resolveram escolher um símbolo de marca para seu Projeto, de preferência um símbolo que se assinalasse pela originalidade. E a escolha acabou recaindo sobre a figura do Sapo Bartolomeu. Por que um sapo e por que Bartolomeu?

O sapo e o escorpião

Segundo Maria das Graças de Oliveira Nascimento, da Coordenadoria de Projetos Especiais, este Projeto Memória tem muito a ver com a fábula que relata as aventuras do batráquio e de um escorpião no aperreio de uma enchente. Na versão da fábula, como todo mundo sabe, o escorpião só poderá ser resgatado se o sapo aceitar carregá-lo nas costas para um lugar enxuto. Apesar de ter certeza de que morrerá afoga-

do se ferrear sua salvação, o lacrau não consegue fugir à tentação e acaba enterrando o ferrão no pobre sapo que, sem entender a maldade do assassino-suicida, recebe do escorpião moribundo a explicação estúpida: “Perdão, amigo sapo! Foi o instinto!”

No caso do Projeto Memória, Bartolomeu consegue sobreviver a todas as ferroadas, ao veneno letal de todos os elementos de desagregação que se desencadearam contra o IBGE ao longo dos anos. E a Instituição acabou conseguindo agora preservar o essencial de sua Memória. E só a grandeza desta façanha já bastaria para compensar o dano irreparável de certas perdas e destruições. Quem quiser fazer críticas ao símbolo tem de se lembrar primeiro da maldade das ferroadas. E acabará entendendo por que é uma honra ser membro do clube do Sapo Bartolomeu.



1. VOCÊ ACHA IMPORTANTE A EXISTÊNCIA DE

UMA REVISTA INTERNA DO IBGE ?

☐

sim

☐

não

2. EM RELAÇÃO À "NOVA IMAGEM" VOCÊ É

LEITOR :

☐

assíduo

☐

ocasional

☐

está lendo pela primeira vez

3. ALGUMAS INFORMAÇÕES PESSOAIS A

SEU RESPEITO:

a) idade

anos

☐

masc.

b) sexo

☐

fem.

c) escolaridade

☐

1º grau incompleto

☐

1º grau completo

☐

2º grau incompleto

☐

2º grau completo

☐

superior incompleto

☐

superior completo

d) trabalha no IBGE há

anos

e) área de trabalho :

☐

administrativa

☐

técnica

☐

trabalho de campo

4. MATÉRIAS DE INTERESSE

caso você tenha muito interesse, assinale o nº 5.

caso você tenha nenhum interesse, assinale o nº 1 ;

caso sua posição seja intermediária, assinale os

nºs 2, 3 ou 4

	NENHUM INTERESSE							MUITO INTERESSE
	1	2	3	4	5			
1. noticiário ibgeano	☐	☐	☐	☐	☐			
2. entrevista	☐	☐	☐	☐	☐			
3. literatura	☐	☐	☐	☐	☐			
4. teatro	☐	☐	☐	☐	☐			
5. cinema	☐	☐	☐	☐	☐			
6. esportes	☐	☐	☐	☐	☐			
7. música	☐	☐	☐	☐	☐			
8. artes plásticas	☐	☐	☐	☐	☐			
9. folclore	☐	☐	☐	☐	☐			
10. palavras cruzadas	☐	☐	☐	☐	☐			
11. humor	☐	☐	☐	☐	☐			
12. opinião do leitor	☐	☐	☐	☐	☐			
13. cartas	☐	☐	☐	☐	☐			
14. lazer	☐	☐	☐	☐	☐			

PESQUISA NOVA
IMAGEM
CARTA RESPOSTA

REMETER CONFORME INSTRUÇÕES
CONSTANTES NA REVISTA.

NÃO HÁ NECESSIDADE DE
IDENTIFICAR O REMETENTE

Nas Bodas de Ouro, comemorações de grande alcance

Uma série de eventos, que se iniciam este mês e só acabam daqui a um ano, em maio de 1987, marca as comemorações do cinquentenário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O IBGE vai aproveitar a oportunidade criada pelas suas bodas de ouro para fortalecer e reaquecer mais ainda as ligações com as diversas comunidades com as quais se relaciona: o público em geral; a sociedade técnico-científica e, principalmente, sua população interna.

A Comissão encarregada de preparar a programação não deixou qualquer área descoberta. Assim é que estão previstas atividades de natureza técnica, envolvendo, inclusive, o meio estudantil; conferências e seminários nacionais e com participação internacional; simpósios e encontros abordando as diversas áreas que compõem a Fundação, desde geografia e estatística até informática. Além de feiras. Há até mesmo a possibilidade de uma Feira Regional com barracas representando as Delegacias, cada qual oferecendo produtos típicos.

A vasta programação preocupa-se ainda com exposições de artistas plásticos e fotografias; *shows*, torneios esportivos, atividades de natureza promocional, publicações especiais, além da criação de medalha comemorativa e de adesivos e cartazes. E não se esgota aí. Tem ainda muito mais itens que iremos divulgando gradualmente.

Compõem a Comissão dos Eventos do Cinquentenário Amaro da Costa Monteiro, Carlos Marcos Barbosa, Maria de Nazareth Furtado Gomes, Teresa Cristina Millions, Nelson de Castro Senra, Fany Davidovich, Elizabeth Granado, Murilo Lobo, Horácio Coelho da Costa Ferreira, Luiz Fernando Teixeira de Macedo e Antônio Tânis Abibe, coordenados por Valéria da Motta Leite.

Um diagnóstico do DEMED

O pessoal do Departamento Médico preparou uma pesquisa — a ser aplicada inicialmente no Rio — para saber se os seus serviços estão ou não atendendo plenamente às necessidades dos funcionários.

A intenção da pesquisa, uma iniciativa do Chefe do Departamento Médico do IBGE, Dr. Ricardo Borges Bacha, fica bem clara logo no primeiro parágrafo do texto de apresentação: "Este questionário objetiva, em essência, colher sugestões que venham proporcionar, objetivamente, alterações dentro da atual estrutura do setor, que nos permitam oferecer serviços condizentes com as reais necessidades dos nossos servidores".

Para tanto, pergunta, entre outros pontos, qual é o serviço mais solicitado; se os funcionários se sentem bem atendidos; o que gostariam de receber em termos de assistência médica e se o Serviço Médico foi procurado para consulta de rotina, ou exame de laboratório, ou atendimento odontológico ou de enfermagem. Abre, ainda, espaço para que os servidores apresentem sugestões.

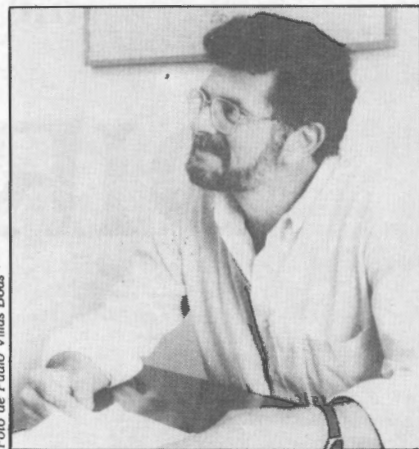


Foto de Paulo Villas Boas

O Dr. Ricardo Borges Bacha espera que a maioria dos servidores cariocas responda ao seu questionário.

Os formulários podem ser procurados nos postos médicos da Sede (Avenida Franklin Roosevelt, 166/14.º andar), em Lucas e em Mangueira. Depois de respondidos, devem ser dobrados e colocados nas caixas de coleta de sugestões. O Dr. Ricardo Bacha e sua equipe esperam que os funcionários participem maciçamente da pesquisa, mandando respostas e apresentando idéias.

IPGH se reúne no Brasil

Realizou-se no Brasil, de 7 a 19 de abril último, a XIII Assembleia-Geral do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, que teve como Presidente da Comissão Organizadora Nacional o Professor Edmar Lisboa Bacha, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e como Vice-Presidente-Executivo o Professor Speridião Faissol, Presidente da Seção Nacional do Brasil, do IPGH.

Antecedendo a Assembleia-Geral, que teve lugar em Brasília, de 14 a 19 de abril, no Palácio Itamaraty, foram realizadas reuniões de consulta no Rio de Janeiro, quando esteve funcionando também a Exposição Geográfica-Cartográfica-Geofísica e Histórica associada ao evento.

O Departamento de Estudos Geográficos (DEGEO), da Diretoria de Agropecuária, Recursos Naturais e Geografia, se fez representar na exposição com uma mostra de seus trabalhos, denominada *Cinco Décadas de Geografia no IBGE*.

Os trabalhos da área de Geografia do IBGE foram expostos segundo três linhas básicas: produção para conhecimento do espaço geográfico brasileiro, produção específica para ação de governo e produção específica para fins didáticos.

A sessão de Desenvolvimento Rural, que abriu os encontros, no Rio, foi presidida pela Professora Solange Tietzamn, Chefe do Departamento de Estudos Geográficos da Diretoria de Agropecuária e Geografia. Tomaram parte o Professor Charles Mueller, Diretor da DAG, a Professora Maristella de Azevedo Brito, geógrafa da Divisão de Estudos Rurais, e o Professor Antonio Olívio Ceron, geógrafo e professor da UNESP, campus de Rio Claro.



Foto de Paulo Villas Boas

Duzentos agentes de coleta levantam os preços de dois mil produtos nas dez aglomerações urbanas mais importantes do País

DIRETORIA DE ECONOMIA

novο tempo, maiores responsabilidades

Com o Diretor Eduardo Augusto os dados para compreensão dos índices.

Fotos de Paulo Villas Boas

N o contexto da evolução normal das atividades do IBGE, a Diretoria de Economia desempenha uma função considerada primordial para a vida da Instituição. A DEC, em colaboração com as outras Diretorias da entidade, sempre acompanhou com o máximo de rigor o desempenho dos setores vitais da economia nacional, colhendo as informações essenciais que permitam aos dirigentes acelerar ritmos ou corrigir rotas.

Em novembro do ano passado, as autoridades da área econômico-financeira decidiram confiar ao IBGE a tarefa de definir os índices capazes de identificar com segurança as oscilações da espiral preços-salários, vale dizer, na realidade, a evolução da inflação e seus efeitos sobre o próprio organismo nacional. Esta decisão viria aumentar mais ainda as responsabilidades da DEC. Finalmente, depois da reforma monetária de fevereiro último e das medidas severas destinadas a erradicar de vez a inflação do País, a Diretoria de Economia do IBGE ganhou de repente um destaque todo especial. (Destaque que, segundo os técnicos do órgão, se traduz principalmente por um substancial acúmulo de trabalho...)

NOVA IMAGEM, março-abril/1986

Simples, afável, o Diretor da DEC, economista Eduardo Augusto Guimarães, explica alguns dados elementares que levam a compreender melhor a história desses índices e medições econômicas:

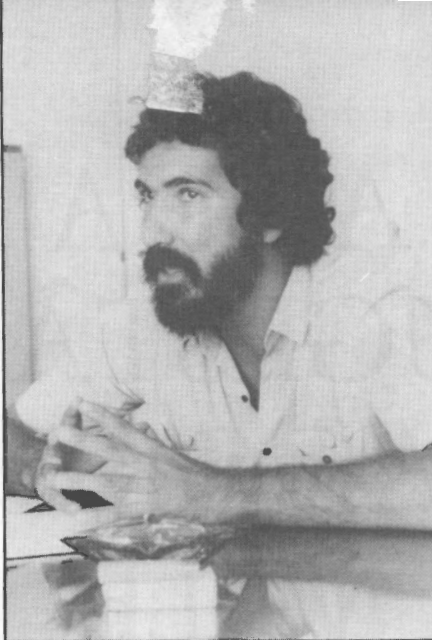
— Num primeiro momento, o IBGE, enquanto órgão responsável pela produção de informações estatísticas do Brasil, ficou encarregado de detectar as variáveis que possibilitam uma medição da evolução do custo de vida e dos preços pagos pelo consumidor no mercado. Criou-se assim o Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC, que, durante muitos meses, se tornou conhecido dos leigos, sobretudo por sua aplicação nos reajustes salariais.

Eduardo Augusto lembra que, para a produção daquele índice, o IBGE utilizava uma pesquisa que abrangia dez regiões metropolitanas do País, mas que atingia apenas a faixa de renda situada entre um e cinco salários mínimos. Diante da apavorante disparada da inflação, o Governo passou a empregar um outro instrumento de avaliação, denominado Índice de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA, que englobava toda a faixa de renda compreendida entre um e trinta salários mínimos. Por ser muito mais abrangente, a pesquisa tinha obrigatoriamente um valor de amostra bem mais representativo.

Mas veio a reforma monetária com o “pacotão” de fevereiro, e os cálculos dessas variáveis passam a ter agora referenciais bem mais complicados. Tanto que, para estabelecer o novo Índice de Preços ao Consumidor — IPC, que passou a vigorar a partir de março, os técnicos do Departamento de Estatísticas e Índices de Preços — DESIP, da DEC, se vêem obrigados a montar uma nova sistemática de trabalho.

José Guilherme Almeida Reis, Assessor-Chefe da DEC, garante que o plano de mudanças contribui para agilizar os trabalhos da Diretoria e aumentar a precisão dos dados alcançados. E lembra que esta tarefa só é possível graças a um grande espírito de equipe que reúne técnicos, pesquisadores de campo e informantes.

Esta equipe conta com uma centena de economistas e técnicos de diferentes níveis, envolvidos diretamente nos trabalhos de cálculo e crítica do índice, afora os 200 agentes de coleta encarregados da pesquisa de campo. Os agentes levantam os preços de



José Guilherme: espírito de equipe.

dois mil produtos, em nove regiões metropolitanas do País (e mais Brasília). O total de estabelecimentos comerciais visitados pelos agentes de coleta se eleva a cerca de onze mil, desde os *shoppings* mais sofisticados até às mais humildes biroskas dos bairros operários.

Pelo método anterior, a data para a coleta de preços ia do dia 15 de um mês ao dia 15 do mês seguinte. Agora, este levantamento passou a ser efetuado do primeiro ao último dia útil do mesmo mês. Segundo o Diretor da DEC, esta alteração provoca modificações importantes, principalmente nos prazos de divulgação dos índices. Só o trabalho de tabulação e crítica dos dados levantados, por exemplo, vai consumir um mínimo de oito dias úteis. Isto significa que o IPC só será divulgado oficialmente por volta do dia 12 de cada mês.

José Guilherme está certo de que as mudanças não afetarão apenas a área do IPC. No que se refere ao documento *Indicadores Conjunturais da Indústria*, por exemplo, o Assessor revela que, já no final do primeiro semestre, a DEC procederá à divulgação de uma nova série retroativa a janeiro de 85, enquanto o índice da Produção Física continuará sendo divulgado mensalmente.

Por outro lado, ele anuncia uma reformulação da amostragem de certas pesquisas que permitirá uma grande redução da margem de erro. Para ele, dentro da nova fórmula, esta margem não ultrapassará a casa dos cinco por cento, o que, segundo os especialistas, pode ser considerado realmente excelente.

Aprimorando a POF

Por outro lado, no que se refere a uma das grandes pesquisas da DEC, a POF — Pesquisa de Orçamentos Familiares, Eduardo Augusto garante também que, a partir de setembro, serão introduzidas algumas revisões destinadas a aprimorar a qualidade e o valor de representatividade do trabalho. No tocante à própria estrutura da DEC, o Diretor considera conveniente, pelo menos no momento, manter as duas Superintendências que existem atualmente: a SUCAM (Superintendência de Contas Nacionais e Agregados Macroeconômicos) e a SUICOM (Superintendência de Estatísticas Industriais, Comerciais e de Serviços). A Diretoria, com suas Superintendências, Departamentos e Divisões, se encontra atualmente envolvida no enorme trabalho dos censos econômicos, que devem se iniciar em maio próximo. A atual Administração do IBGE se comprometeu a anunciar os resultados deste censo até, no máximo, o final de 1987, o que representa um verdadeiro recorde, bastando lembrar que os resultados de idênticos levantamentos realizados em 80 só chegaram ao conhecimento da Nação em 1984.

Para abreviar estes prazos, a DEC tomou várias medidas de porte, entre as quais a de reformular substancialmente os questionários da pesquisa, guardando sempre a preocupação de simplicidade e, procurando tornar mais atuais as informações disponíveis sobre a contabilidade social do Brasil. Eduardo Augusto diz que pretende desativar algumas pesquisas de pouco interesse e criar outras que parecem mais dinâmicas e de maior atualidade, sobretudo nos setores de comércio e construção civil.

Mas tanto o Diretor da DEC quanto seu Assessor-Chefe reconhecem que só se conseguirá alcançar maior agilidade na apuração e divulgação dos resultados dos censos e pesquisas, na medida em que forem ampliados os recursos da área de informática. E eles garantem que, com o tempo, isto será perfeitamente possível.

“Afinal de contas”, conclui Eduardo Augusto, “com o aumento fantástico do interesse da Nação pelos índices de preços, todos os refletores estão atualmente concentrados sobre nós. É preciso aproveitar exatamente esta fase de interesse excepcional para repensar o nosso sistema estatístico”.

A SUA SUGESTÃO AGORA VALE PRÊMIOS

E como ganhar esses prêmios? O caminho é o "Programa de Envolvimento de Empregados". O objetivo deste Programa (criado pela Comissão de Reforma Administrativa — CRA) é o desenvolvimento de um amplo processo de mudança comportamental, de modo a se obter o comprometimento dos funcionários com os resultados globais do IBGE.

Cada um de nós é a empresa. E uma das estratégias de participação é a que mobiliza o corpo de funcionários para a apresentação de idéias que beneficiem a Instituição.

Isto já acontece, mas está sendo aperfeiçoado. Agora sua sugestão vale prêmios. É parte da reivindicada reforma administrativa, que começa a dar seus primeiros resultados.

Tire suas dúvidas a partir do texto que se segue, aceite as sugestões e sugira. O IBGE não só aceita como pode premiar sua sugestão.

A atual direção do IBGE instituiu, em 1.º de julho de 1985, o Sistema de Recolhimento de Sugestões, permitindo que o funcionário possa contribuir para o crescimento da Instituição. Agora, este Sistema recebe uma nova roupagem, com mudanças que melhor orientam e atendem às expectativas de todos os funcionários do IBGE e, ainda, prevêem premiação para as melhores sugestões.

O que é uma sugestão

É qualquer idéia que represente uma melhoria ou crescimento de nossa Instituição, através de fatores tais como: aumento de eficácia e eficiência, aperfeiçoamento tecnológico, simplificação de rotinas, redução de custos, entre outros. Lembre-se de que muitas vezes a novidade está na aplicação aperfeiçoada de uma velha idéia.

Como ter boas idéias

Inicialmente observe cuidadosamente o seu trabalho e o de seus companheiros. Reflita sobre suas observações e tente formular e responder questões tais como: por que é feito desta maneira? Poderia ser simplificado ou ser feito de outra maneira mais rápida, mais segura, mais eficiente? Poderia reduzir o uso de material? Os equipamentos e máquinas são bem aproveitados? etc.

Quem participa

Todo empregado em exercício, com exceção dos membros da Comissão Julgadora e da Chefia até o nível de Departamento ou equivalente, inclusive. Não são considerados cargos de chefia os de comissão de assessoramento, assistência, secretariado e pessoal de gabinete. Basta solicitar o formulário "Sugestões" junto a sua Chefia imediata ou no Setor de Pessoal da sua Unidade Regional.

Como deve ser apresentada a sugestão

As sugestões podem ser apresentadas em grupo de no máximo três participantes ou individualmente. Você preenche o nome, a lotação, n.º de cadastro, data de entrega e demais itens do cabeçalho do formulário "SUGESTÕES". No caso de sugestões apresentadas por um grupo, anexe NOVA IMAGEM, março-abril/1986

uma folha com os dados de todos os membros.

Para empregados lotados na Administração Central, registrar a sigla do Departamento, Superintendência e Diretoria. Nas Unidades Regionais, registrar a sigla da Unidade, da Delegacia ou da Agência. Procurar descrever sua sugestão respondendo às seguintes questões: O QUÊ (o que pretende sugerir, modificar, substituir, criar, aumentar, eliminar, adaptar etc.); POR QUÊ (quais as razões que o levam a fazer a proposição); PARA QUÊ (qual o resultado que isto pode gerar para a Instituição); QUANTO (quanto custará, aproximadamente, nos casos em que haja previsão de dispêndio); ONDE (quais as áreas que serão impactadas com a sugestão) e COMO (o que deve ser feito para operacionalizá-la).

Anexe ao formulário todo e qualquer dado que você considere útil para a compreensão da sugestão (diagramas, fotos, memória de cálculo etc.) em folhas numeradas, rubricadas e grampeadas.

Para onde encaminhar

De posse de todos os dados você deve encaminhar a sua sugestão para a Comissão Julgadora, bastando, para isso, dobrar o formulário, conforme as marcas do envelope, e colocá-lo nas caixas de sugestões espalhadas pelo IBGE. Não esqueça de registrar o dia e a hora de entrega dos envelopes. Isto servirá de critério de desempate, por ocasião do julgamento de duas sugestões iguais. No caso de funcionário lotado em Agências de Coleta, a sugestão deve ser entregue ao Chefe da Agência, que emitirá o recibo, registrando data e hora, e a encaminhará, por malote, à sede da Delegacia.

Como será feito o julgamento

A Comissão Julgadora deverá se reunir trimestralmente para apreciação das sugestões. As que forem selecionadas serão analisadas em todos os pormenores com a colaboração dos setores interessados. Elas serão analisadas e selecionadas segundo critérios de produtividade, originalidade, utilidade, viabilidade etc. Trimestralmente vão ser selecionadas as três

melhores sugestões e a Comissão Julgadora, quando necessário, solicitará o comparecimento do empregado para qualquer esclarecimento. As sugestões escolhidas serão divulgadas, os empregados notificados e a notícia publicada no Boletim de Serviço (BS) e na Revista NOVA IMAGEM.

Quais os critérios para pré-seleção

O Programa de Sugestões tem algumas regras básicas. Para você, que vai apresentar a sua contribuição, é fundamental saber quais os assuntos que não serão considerados para análise.

A — Idéias que já estejam sendo consideradas pela Instituição, ainda que em nível de projeto.

B — Assuntos vinculados aos critérios pertinentes à política salarial do Governo Federal.

C — Assuntos de cunho pessoal, tais como pedidos de promoção, alteração contratual, entre outros.

Os prêmios

As três melhores sugestões de cada trimestre farão jus a viagem a Brasília ou a uma das capitais estaduais, a critério da Comissão Julgadora, com passagens e cinco diárias pagas pelo IBGE; e bolsa de estudos para programa de treinamento vinculado à área de atividade do empregado no IBGE, em valor igual ou inferior ao somatório de uma passagem aérea Rio — Manaus — Rio com o valor de cinco diárias correspondentes ao cargo do empregado premiado.

Quem julga

A Comissão Julgadora será constituída por um representante de cada Diretoria do IBGE. A indicação é da competência exclusiva do Diretor-Geral. A Superintendência de Recursos Humanos da Diretoria de Administração — SUMAN/DA — é a responsável administrativa pelo Programa, coordenando atividades e reuniões da Comissão Julgadora, articulada com a Assessoria da Diretoria de Administração.

Os casos omissos devem ser encaminhados à SUMAN/DA, que se encarregará de analisá-los junto à Comissão Julgadora.

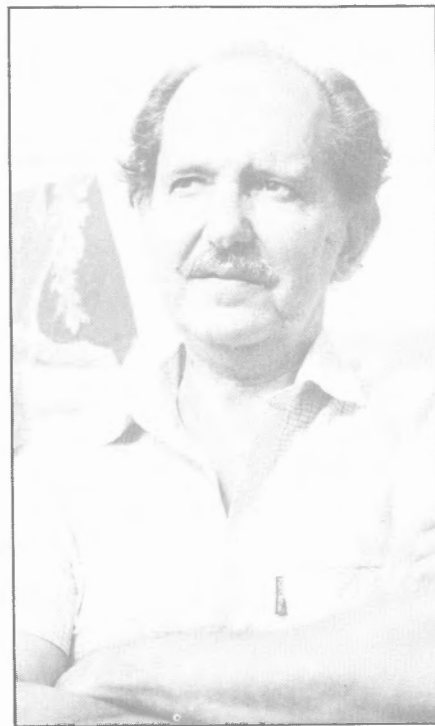
O mundo encantado dos nossos artistas: trabalho e beleza

RUBENS DO NASCIMENTO

Fotos de Gilson Costa



SÃO FRANCISCO DE ASSIS



Nascimento — Um talento que vai do talho-doce ao mural e que muitas vezes procura olhar o mundo com os olhos do Poverello de Assis.

No meio da nação de artistas que povoam o IBGE, Rubens do Nascimento Siqueira Dias tem nome feito. Desenhista, pintor, ilustrador, diagramador, seu trabalho na Instituição fica sempre situado naquela franja um tanto indefinida em que o desempenho profissional se confunde por vezes com a criação artística. Por isso mesmo sua arte é altamente polivalente: Rubens reparte seus dons (e o talento) num vasto universo de sombra e luz, que tanto explora o preto e branco, como a cor e que vai do traço à insinuação da forma com a mesma facilidade que o conduz ao painel, ao mural ou à paisagem. Não seria fácil enquadrá-lo numa escola determinada, nem definir-lhe o estilo. Mas é claro que ele tem uma formação determinada e suas preferências.

Para Rubens Nascimento, como é conhecido dos colegas, o gosto pela arte nasceu quando ele começou a olhar para o mundo, logo na primeira infância. Impossível determinar a idade em que se interessou pelo desenho e pelo Belo. Tem curso de caligrafia, estudou desenho e pintura no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes, e foi aluno do mestre Armando Vianna. Mas a obrigação de ganhar a vida o levou logo de saída para onde mais lhe conduzia o pendor natural: as Artes Gráficas. E aí, neste mundo específico, a experiência de Rubens é longa e vasta. Mas nunca deixou de estudar e aprender as coisas de sua própria arte.

Orgulha-se por exemplo de, logo depois da guerra, ter conseguido entrar para o atelier de Ewald Frederick Schrader, com quem estudou gravura a buril (talho-doce e timbragem). Tendo participado de mais de trinta exposições, Rubens Nascimento é um colecionador de troféus: já não conta as medalhas de bronze e prata, e as menções honrosas, agora as duas de ouro que conquistou em 1984: uma no Salão da Miniatura, outra no Salão de Artes da Maçonaria.

Alegre, conversador, Rubens não esconde uma certa frustração, que é tão comum aliás à maioria dos artistas da casa: a falta de tempo para se dedicar um pouco mais à arte pela arte. Tanto assim que a maioria dos quadros mais trabalhados ele os faz à noite, após a carga horária rotineira do IBGE. E este artista-operário apresenta outra particularidade que lhe aumenta mais ainda a originalidade: não consegue vender nenhuma de suas obras premiadas. Porque... a família não deixa. Tesouro para a posteridade!

JOSÉ MARIA MACHADO



José Maria Machado é dos chamados tempos heróicos do IBGE. Trabalhou na Praia Vermelha, com Carneiro Felipe, e procura a inspiração para seus quadros nos temas em que estejam presentes, segundo sua própria expressão, "o homem e o meio".

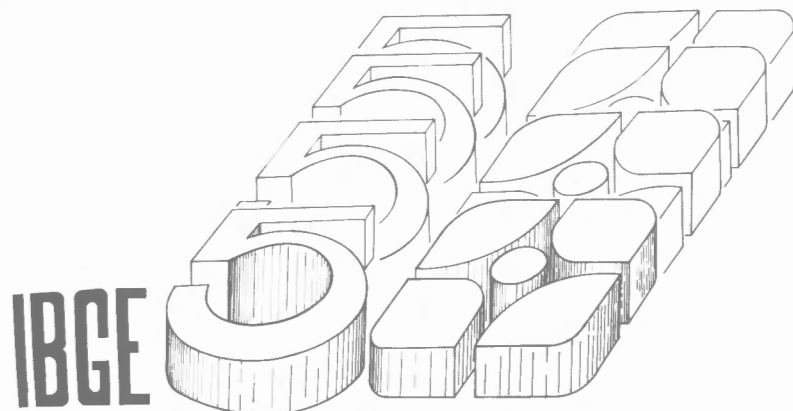
Carioca do Estácio, José Maria Machado é um ibgeano aposentado que ainda vive as coisas do IBGE como se estivesse na ativa. Desenhista e pintor, José Machado conheceu a fase heróica da Instituição e trabalhou com Carneiro Felipe, na Praia Vermelha. Participou do censo de 1940, o que lhe confere verdadeiro título de nobreza entre os colegas do IBGE.

Filho de pai músico, José Machado, ou simplesmente "Seu Zezinho", como é conhecido entre os contemporâneos, desde criança manifestou um talento especial para o desenho, frequentou o Liceu de Artes e Ofícios, conheceu Oswaldo Teixeira e se iniciou na pintura quando passou a frequentar, em 1946, a *Colmeia de Pintores do Brasil* — um grupo de artistas que se reunia aos domingos na Quinta da Boa Vista para trabalhos ao

ar livre. Esta passagem pelos domingos da Quinta o marcou até hoje. Despretensioso, profundamente interessado por tudo o que toca o universo da arte, "Seu Zezinho" encontra sua inspiração na contemplação do que ele chama singelamente "o homem e o meio". Gosta também de pintar retratos imaginários de gente-gente, como Gandhi e outros ídolos. Aos 70 anos, confessa que uma de suas maiores paixões, que parece aumentar dia a dia, é o próprio Brasil, suas paisagens, sua geografia. E conta que fica viajando horas a fio diante dos mapas, da teia maravilhosa dos rios, montanhas e ilhas do País. Nos quadros que ele pinta, há sempre, num ponto qualquer, um pouco desta simplicidade e deste amor à vida que marcam a história de José Maria Machado.

As marcas do Cinquentenário

Imaginação criativa para a Memória



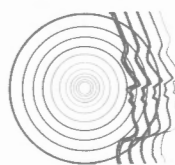
Os programadores visuais do IBGE estão dando asas à imaginação para criar uma marca capaz de fixar a data para a posteridade. É claro que esta marca tem de possuir qualidades palpáveis de simplicidade e beleza. Nossos artistas das diferentes Delegacias ainda não se manifestaram com a verve que era de se esperar. Mas a contribuição de Santa Catarina (que reproduzimos acima) já merece um destaque especial.

A DEGE de Florianópolis fez questão de enviar para NOVA IMAGEM a criação de Taurus Faria de Mello. E nos sentimos bastante orgu-

ANOS
INFORMANDO O BRASIL
DEGE - SC - 1986

lhosos pela contribuição. Não apenas por causa do gesto. Mas especialmente pela qualidade. Taurus conseguiu um trabalho de extremo bom gosto. O número 50 repetido em perspectiva, com o logotipo do IBGE ocupando o espaço vazio do zero, consegue um efeito feliz, que se completa com a simplicidade do *slogan*.

A equipe do Projeto Memória do Rio também vem trabalhando na criação de modelos de marca que lhe ofereçam um amplo leque de escolha. Temos certeza de que a celebração do Jubileu de Ouro do IBGE não deixará insensíveis nossos artistas espalhados por todos os recantos do País. NOVA IMAGEM, que está cada vez mais decidida a promover nossos pintores, desenhistas e demais artistas gráficos, tem certeza de que os exemplos do Rio de Janeiro e de Santa Catarina hão de contribuir para dinamizar mais ainda a criatividade de nossos companheiros das artes.



1936 - 1986
50 anos
Projeto Memória

ele só precisa de um patrocinador

TONINHO, O CENSITÁRIO

a esperança de Minas no Nacional de Atletismo

ESPORTE

Contratando recentemente Antônio Rodrigues Mendes para Auxiliar Censitário, a Delegacia do IBGE em Minas Gerais estava longe de imaginar que o seu novo servidor é um excelente atleta, fato que só foi descoberto agora, quando da preparação de matérias para atender à solicitação da editoria de NOVA IMAGEM.

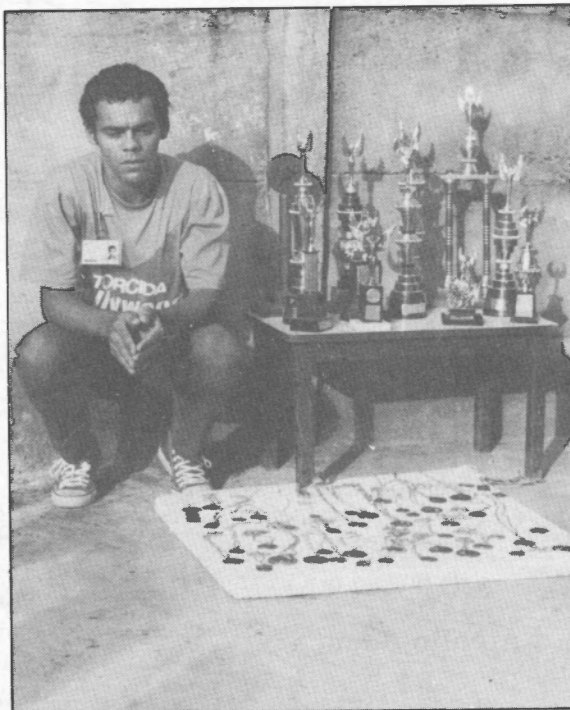
A vida desse atleta não difere muito da de tantos outros. Tem que superar inúmeras dificuldades até chegar à notoriedade.

Nasceu em Belo Horizonte, no dia 17 de setembro de 1960, filho de José Maria Mendes e de D. Darcy Rodrigues Mendes. Com apenas um ano de idade ficou órfão de pai. Desde cedo precisou ajudar no sustento da família e aos 9 anos já trabalhava como jornaleiro. Foi também servente de pedreiro, ladrilheiro, agente lotérico.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Toninho nunca descuidou dos estudos. Atualmente faz um curso de preparação para tentar ingressar na universidade, onde pretende seguir a carreira de engenheiro mecânico.

Antônio Rodrigues Mendes, ou simplesmente Toninho, seria apenas mais um brasileiro comum se não tivesse uma grande paixão em sua vida — o atletismo. Diariamente Toninho vai direto do IBGE para seu cursinho. Quando terminam as aulas ainda encontra forças para fazer treinamento pelas ruas do bairro.

A paixão pelo atletismo apareceu desde cedo. Sempre participou das competições escolares. Em 1982, um colega atleta que treinava no Clube Atlético Mineiro apresentou Toninho ao técnico do clube, Geraldo Profeta da Luz, que o iniciou nos primeiros passos desse esporte.



Antônio Rodrigues Mendes: mais de oitenta competições com boas classificações.

DE MINAS GERAIS recebemos excelente resposta ao nosso pedido de colaboração. Chegaram reportagens, artigos, informes, literatura, arte, noticiário, fotos, tudo muito bem organizado em pasta-álbum especial. A equipe de NOVA IMAGEM apreciou e agradece a atenção. A reportagem aqui publicada é da jornalista Zaia Gonçalves, que trabalha na DEGE, em Belo Horizonte, como Auxiliar Técnico Administrativo Censitário. No próximo número, mais Minas em nossas páginas.

Profeta da Luz, atualmente Diretor de Atletismo do CAM, foi um grande atleta do passado e treinador durante quarenta anos, sendo considerado o maior técnico de atletismo de Minas. Ele já revelou grandes nomes no atletismo nacional.

É bom ouvi-lo falar com carinho sobre nosso Toninho. Segundo a abalizada opinião de Profeta da Luz ele é um "jovem esforçado, com grande potencial a ser desenvolvido. Demonstra qualidades para se tornar um grande atleta, faltando apenas oportunidade e mais tempo para treinamento e, conseqüentemente, maior aprimoramento de sua performance".

Toninho sente grande admiração pelo treinador, que lhe ensinou vários "macetes" para se tornar um fundista de primeira qualidade, aliando esses macetes práticos aos ensinamentos técnicos necessários.

Antônio lembra com entusiasmo todas as competições de que participou — mais de oitenta, sempre com boas classificações. Tem 12 troféus e mais de 50 medalhas. Sua maior emoção foi receber o troféu "Coração de Minas", em 1984, na I Corrida Rústica da Cidade de Curvelo (MG), percorrendo 8 km em 25 minutos.

Participou também da 60.^a Corrida de São Silvestre, em São Paulo, onde teve a oportunidade de competir ao lado dos grandes corredores nacionais e internacionais.

O maior desejo de Toninho é encontrar um patrocinador que acredite no seu talento e garra, dando-lhe condições de dar a Minas Gerais o lugar de destaque que merece no esporte amador brasileiro.

Equiparação

Sendo o trabalho de Agente de Coleta padronizado para todo o País, não se justifica que servidores de funções iguais e que façam o mesmo serviço recebam salários menores no Rio Grande do Norte em relação a outros estados.

Acho que a Reforma Administrativa irá corrigir tudo isso. Fico desde já esperando dias melhores para nós, Agentes de Coleta, que somos a base de toda a estrutura desta grandiosa Empresa.

Albermar Mendes de Freitas — DEGE — RN

Ouvimos o Diretor de Administração, Alexandre de Amaral Rezende, que nos falou sobre a preocupação do IBGE com relação à situação dos Agentes de Coleta. Segundo ele, realmente não se justifica que pessoas exercendo a mesma função tenham salários diferentes. No entanto, nos disse que essa situação já foi encontrada pela nova administração que está empenhada em resolvê-la. Nesse sentido, o acordo coletivo, que está em fase de apreciação pelo Conselho Interministerial de Salários das Estatais (CISE), prevê o enquadramento progressivo dos atuais Agentes de Coleta. Numa primeira etapa, os da faixa 206 passariam para a 207 e estes para a faixa 208, e posteriormente os restantes da faixa 207 passariam para a 208, conseguindo-se, dessa forma, uma equiparação salarial de todos os funcionários da rede de coleta do IBGE.

Desvio de função

Sou universitário, curso letras e dou aula de inglês há 6 anos. Trabalho no DEDIS, no Setor de Expedição, ocupando o cargo de Servente, mas na realidade o serviço que executo é de

Auxiliar Técnico Administrativo. Gostaria, se possível, de maior esclarecimento do que vem sendo feito para se resolverem os casos de desvio de função, já que está se processando a Reforma Administrativa na Casa e os casos semelhantes não são poucos.

Luís Evangelista Ribeiro — DEDIS, Rio

Luís, procuramos a Assessora-Chefe da Diretoria de Administração e Coordenadora da Comissão de Reforma Administrativa, Rosa Maria Esteves Nogueira. Ela nos explicou que terá início imediato a reformulação do Plano de Cargos e Salários do IBGE. Com base neste novo plano, empregados como você serão enquadrados nas respectivas categorias funcionais, corrigindo-se, assim, gradativamente, os desvios de função ora existentes.

Auxílio-doença

Há uma urgente necessidade de o IBGE estudar um meio de amparar seus funcionários quando eles precisam se afastar por motivo de doença.

O auxílio-doença é uma tragédia, pois há uma grande redução no salário do funcionário. Que amparo o IBGE dá ao seu servidor neste momento em que ele mais precisa? Quem pertence à SIAS recebe uma suplementação. E quem não pertence?

Isa da Silva Gosling — DEFIN, Rio

De acordo com o Superintendente da SUMAN, Miguel Mubárack Heluy, a questão assim se coloca:

— O IBGE já está pensando no amparo aos seus funcionários em casos de afastamento por doença. Principalmente aqueles que, não sendo filiados à SIAS, só recebem o auxílio-doença pago pela Previdência. Na sua proposta do acordo coletivo para 1986 o IBGE prevê uma complementação, por um prazo de seis meses, não só em caso de

auxílio-doença, mas, também, de acidente de trabalho.

Filho excepcional

Tenho um filho excepcional de 4 anos que necessita de atendimento diário no centro de reabilitação onde faz tratamento.

Gostaria de saber que ajuda o IBGE poderia fornecer aos servidores pais de excepcionais. Seria um auxílio financeiro? Ou, quem sabe, já que este tratamento é muito caro, um convênio com uma clínica especializada?

Queria ainda saber qual a disponibilidade de horário que eu poderia obter para acompanhar meu filho ao centro de reabilitação?

Roséana da Silva Trindade — DEGE, Rio

Roséana, a equipe de NOVA IMAGEM levou o seu problema até o Superintendente da SUMAN (Superintendência de Recursos Humanos) e ouviu a opinião dele:

— Infelizmente, no momento o IBGE não pode fornecer nenhum tipo de ajuda. No entanto, preocupado com casos iguais ao seu, de grande significado social, o IBGE incluiu no acordo coletivo de 1986 o "auxílio-educação/reabilitação", que prevê um reembolso de despesas até o valor de um salário mínimo.

Quanto à disponibilidade de horário, não existe qualquer regulamentação; portanto, cada caso deve ser tratado separadamente.

Pra que serve o sindicato?

Para que serve o nosso sindicato? Qual a sua finalidade, uma vez que descontamos anualmente no mês de março uma taxa e "só sabemos que temos que descontar"? Enfim, quais são os nossos direitos em relação a es-

TIRANDO DÚVIDAS

TIRANDO DÚVIDAS

se sindicato? Não temos nenhuma informação sobre seus serviços.

Graça Regina Ribeiro da Silva — Procuradoria-Geral — Rio

Promoção vertical

Eis a resposta do Superintendente da SUMAN:

— Quanto à finalidade do sindicato, ele existe com o objetivo de defender os interesses e direitos individuais dos seus associados e coletivamente os da categoria que representa. Para usufruir desses direitos, no entanto, é preciso se associar à entidade da classe profissional a que pertence.

Já a contribuição sindical não caracteriza o funcionário como associado do sindicato e portanto não lhe dá os mesmos direitos. Mas a contribuição é compulsória.

Trabalho no CEDIT e chefo a Divisão Mercadológica. Tenho algumas dúvidas em relação à promoção vertical. Queria saber quais os critérios adotados para tratar desse assunto. A SUMAN tem projetos definidos? Quais e quando serão desenvolvidos?

Sou formado em Comunicação Social, trabalho com tarefas correlatas e, mesmo exercendo a função de chefe de Divisão, o meu cargo é de Assistente Técnico Administrativo. Ouço muitos comentários sobre o assunto, mas até agora nada sei de concreto. Gostaria de obter maiores esclarecimentos.

Edson Ferreira da Costa — DEDIS, Rio

O Superintendente da SUMAN, Miguel Mubárack Heluy, também responde a esta questão:

— Na realidade, a promoção vertical, no IBGE, ainda não está regulamentada; contudo, a SUMAN pretende fazer uma revisão total do sistema de recursos humanos, para tentar resolver casos como o seu. Isto está proposto no acordo coletivo de 1986.

NOVA IMAGEM, março-abril/1986

SIAS e Golden Cross

Gostaria que fosse esclarecida junto à SIAS a seguinte dúvida: por que não foi devidamente convertido para cruzados o valor do pagamento efetuado à Golden Cross através da SIAS, uma vez que as pessoas portadoras de carnês estão efetuando o pagamento mensal com a devida conversão? Esta é uma dúvida da maioria dos associados.

Regina Mariano — Diretoria de Informática — Rio

A Diretora da SIAS, Euvaldina dos Santos, respondeu que “as mensalidades da Golden Cross são por esta mensalmente faturadas contra a SIAS, inexistindo, no caso, a emissão de carnês. Assim, por se tratar de faturamento relativo ao mês em curso — março — não foi possível adotar a tabela de conversão.

A propósito, cumpre esclarecer que a Golden Cross e as empresas congêneres entendem aplicável à hipótese a norma do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 2.284, que determina o reajustamento *pro rata* das obrigações, com cláusula de correção monetária, anteriores a 28 de fevereiro. A matéria, no entanto, é controversa, só podendo ser dirimida através de decreto do Governo, ocasião em que a SIAS procederá aos acertos devidos”.

Aposentadoria mais cedo

Completei 30 anos de serviço em novembro de 1986, mas terei de permanecer no IBGE até novembro de 1987 para poder receber a complementação da SIAS.

A princípio, devido ao grande número de funcionários antigos, justificava-se que se fizesse um fundo de reserva e, para tanto, o limite de 58 anos era razoável. Porém, com o passar dos anos, as aplicações alcan-

çaram um nível suficiente para que seja feita uma revisão neste limite de idade. Por que não?

Regina Vera Ribeiro — DEGE, Rio

Regina, nós consultamos a Diretora de Benefícios da Sociedade Ibgeana de Assistência e Seguridade, Euvaldina dos Santos, a respeito da sua pergunta. Ela nos garantiu que a SIAS já está examinando a possibilidade de reduzir para 55 anos a carência de idade para aposentadoria. Isso porque já se acham integralizadas as reservas de risco relativas aos participantes que já se aposentaram ou que no momento se acham em condição de se aposentar. Só resta integralizar a reserva de “riscos não expirados — benefícios a conceder”, calculada no fim de 85 em Cz\$ 588.667.455, dos quais Cz\$ 237.289.338 já constituídos e Cz\$ 351.378.117 a constituir.

Esta é uma seção de serviços. Um espaço que você deve usar para encurtar a distância entre seu problema funcional e um caminho para a solução. Ao receber sua carta, nós vamos encaminhar a dúvida ou dúvidas ao funcionário mais bem credenciado para esclarecer você. Pergunte o que quiser. Esta revista quer ser um ponto de encontro e de apoio. Encaminhe sua correspondência para NOVA IMAGEM, seção Tirando Dúvidas, Av. Franklin Roosevelt, 166 — 9.º andar, sala 904.

CRACHÁ este amigo do peito

Crachá — (Do francês *crachat*) s.m. — Insígnia honorífica (grã-cruz, comenda etc.), que se traz ao peito; condecoração.

"O Imperador, com pena da lapela de sua casa vazia de condecoração, mandou-lhe (a Gonçalves Dias) um crachá. (José Lins do Rego, *Gordos e Magros*, p.101)".

Já passou pela sua cabeça ler alguma coisa sobre o tão "insípido e inodoro" crachá? Pois é. Imagine que o Robson, da BICEN, quis colaborar com a revista. Veio perguntar sobre o tema e a resposta foi rápida: "É livre, lógico!" E não é que ele escreveu sobre o crachá? Surpresa geral, que repassamos aos leitores, principalmente aos guardas, que, para muitos, são uma "pedra no sapato", justamente por serem os cobradores oficiais do crachá no peito. E se não passou pela sua cabeça ler sobre o assunto, apostamos que vale a pena saber algo mais sobre esta "insígnia não honorífica" com sotaque francês.

Pois saiba você, também, que o nosso famoso crachá, além do propósito funcional a que se presta e que nós já conhecemos, ou seja, segurança através do controle do vaivém de funcionários e visitantes numa empresa, tem um significado correspondente — quase análogo — aos emblemas e brasões. Funciona como insígnia, despojado de caráter condecorador, mas com o objetivo único de que seja reconhecida a pessoa que o usa. E, como manda o figurino, é trazido ao peito ou preso à lapela.

Crachá e heráldica

Para que cheguemos a esta moderna versão de brasão, é preciso que conheçamos um pouco a história das insígnias dentro do contexto heráldico. Temos que retroceder, vejamos só, ao século XI — idos de 1097 —, época em que, provavelmente, o uso das insígnias se fez presente no mundo ocidental: soldados, em cerco às cidades, usavam símbolos de identificação em seus escudos. Mais tarde, as insígnias alastraram-

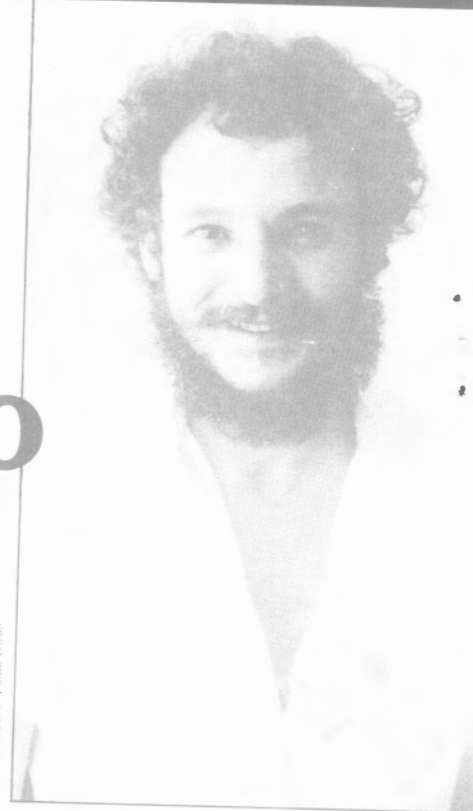
se entre os povos nas suas diversas manifestações. Eram usadas para marcar hierarquia entre membros de imponentes famílias, como os barões, que as adotavam como brasão de família, e das ordens de cavalaria.

As insígnias podem ser compreendidas como um tipo de emblema, variando na sua feitura (símbolos e cores). São comuns as de metal ou tecido. Podem ter a forma de passadeiras (divisas de panos), que substituem as medalhas usadas em ocasiões especiais, ou a forma de *fourragère* (cordão trançado que dá uma volta sobre o ombro).

Entre os oficiais das várias corporações mundiais, o uso das insígnias é bem destacado entre as Forças Armadas e, no Brasil, são adotadas em formas como fuzis, asas, armas, penas, estrelas. São ostentadas sobre as dragonas de cada ombro, nos punhos, lapelas e colarinhos de uniformes militares, dependendo do posto e graduação do oficial.

Em suma, as insígnias adaptaram-se aos tempos modernos, tanto para de-

Foto de Paulo Villas Boas



Robson Waldhelm, autor desta matéria, é jornalista e trabalha na BICEN.

Para o pessoal da segurança, a cobrança do crachá nem sempre é fácil.

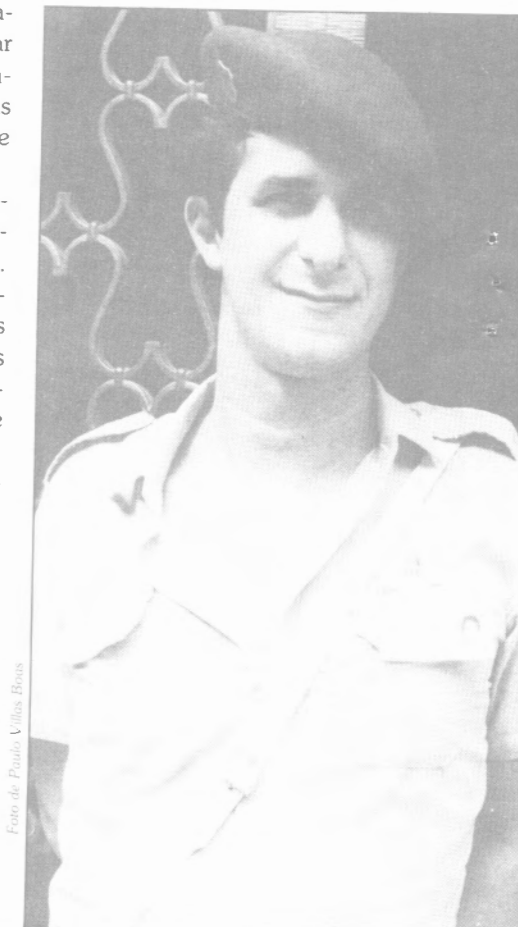


Foto de Paulo Villas Boas



Foto de Cristina Zappa

signar postos oficiais como para identificar membros de uma família. É a partir dessa última assertiva que, possivelmente, tenha-se encontrado a forma definitiva da qual advém o nosso crachá atual — pois é exatamente esse o objetivo ao qual ele se propõe: identificar na família (empresa) os seus membros (funcionários).

Funcionalidade atual

Hoje em dia, o uso do crachá, unido ao cartão de ponto, é peça importante para se descobrirem funcionários-fantasmas. Com isso, folhas de pagamento podem ser reduzidas, como atesta o Presidente da EMBRATUR, João Dória Jr., afirmando que o exemplo tem que vir de cima: "Uso crachá e bato ponto".

Pois, então, colegas, funcionários e visitantes, lembrem-se de que o seu "crachazinho" tem história e sintam-se lisonjeados com o dito cujo, porque ele representa, guardadas as devidas proporções, um tipo de comenda. Afinal, a "febre" — no bom sentido — dos crachás é necessária no tocante à segurança das empresas e dos prédios onde estão instaladas.

Se, com ironia, alguém já disse que esta é uma "república dos crachás", não devemos nos intimidar, pois nos países desenvolvidos a prática do seu uso também deu resultado favorável.

Crachá na lapela e vamos ao trabalho!

Afinal, o que você acha do crachá?

— Que burocracia danada! É crachá pra cá, papelzinho de visitante pra lá, documento de identidade na recepção... Enfim, temos que acatar e esperar o elevador.

(Wellington Silva, visitante, a trabalho, na recepção do IBGE.)

— Às vezes eu o uso no peito e outras pendurado na cintura. O importante é que ele seja visto pelos vigilantes. (Cleyr J. Barbosa, BICEN.)

— Sou um tanto displicente. É sempre uma luta para encontrá-lo na bolsa. Também não sei quantas vezes já o perdi pelos corredores, mas acabam achando e me entregando de volta para que eu o procure na bolsa.

(Rosane Nascimento, DF.)

— Uso o crachá do jeito certo. Faz parte da minha obrigação e gosto de cumpri-la.

(José Eustáquio Neves, BICEN.)

— Sinto-me bem, mas, às vezes, dis-traidamente, coloco-o ao contrário (o verso para frente). Aí, me pego sendo observada e fico um pouco "grilada". Não gosto que saibam minha idade.

(N.da R.: a funcionária pediu para não ser identificada, apesar de usar corretamente o crachá, pendurado no cordão.)

— Sinto-me ainda mais forte e responsável, porque uso crachá no peito e arma na cintura.

(Enoque Félix dos Santos, Vigilante.)

— É um tipo de identificação que já virou moda há muito tempo. Uma forma de segurança e eu uso tranqüilamente, sem distinção alguma. O meu está novinho em folha, porque mudei recentemente de departamento.

(Raimundo L. Rodrigues, DPS.)

— Certos funcionários não gostam da gente. Somos obrigados a cobrar o uso do crachá. Às vezes ouço a "ladainha". "Este guarda não tem mais o que fazer?" Por isso, acho que não sou bem visto pelos funcionários, que bem poderiam dar uma desculpa simpática, do tipo: "Ah, está dentro da bolsa".

(Wallace de Jesus Martins, Segurança.)

Como requisitá-lo

José Joaquim de Souza, da SUPAT, afirma ser fácil a obtenção do crachá. Ele é requisitado através de memorando e a entrega não demora mais de três dias. "Cuidamos de tudo", diz ele, "desde a foto até a simples troca de suporte para a conservação". E adianta: "O crachá ainda não tem muito boa aceitação entre os funcionários. Talvez ainda falte um pouco mais de conscientização quanto à sua importância para a segurança de todos nós".

BOM DIA, IBGE

E a companheira Lourdes não deixou de exercitar a sua sensibilidade de escritora, nem mesmo — e muito menos — em seus plantões na Central de Informações sobre o “Pacote”, montada na sede do IBGE. Lá estava ela, no expediente tão diverso daquele da PGE, desnudando personagens de passagem pela Livraria em busca de soluções para os seus problemas. Jovens, velhos, gente simpática, amiga, bonita, perplexa, enrolada, tem de tudo na história com a qual a Lourdes participa desta NOVA IMAGEM.



Foto de Paulo Villas Boas

Lourdes Rabello, autora do texto, é advogada e Assessora da Procuradoria Jurídica. Ela vem ajudando a esclarecer o público sobre o Pacote Econômico na Central de Informações instalada na livraria do IBGE, no Rio.

— IBGE. Bom dia.

— É daí que dão informação sobre aluguel?

— Pois não.

— O aluguel que eu venho pagando é tanto, mas ela (a locadora) quer tanto; eu não posso pagar. Ela disse que vai me despejar, não me dá recibo e, agora, me mandou uma carta em que...

Eu interrompo, com jeito — a senhora tem de pagar o aluguel de tanto

(a Ana Luiza já calculou). Mais do que isso somente por acordo, isto é, se a senhora quiser e puder pagar, se concordar. Mas o seu aluguel, a partir de 1.º de março, é esse. Essa é a sua obrigação legal.

Obrigação legal, que expressão linda, sempre achei. Tão rigorosamente esclarecedora: só tem que fazer. Mas não querem. O locador, o credor, todos acham que tudo é sempre pouco. Inadmissível é a coação sobre a outra parte, o constrangimento.

— É do IBGE?

— Pois não. Bom dia.

— Ouvi dizer que, se a locação é antiga, eu posso fazer a revisão do aluguel.

— Somente mediante ação judicial própria, e nas locações de mais de cinco anos, e sujeita à decisão do Juiz, ao entendimento jurisprudencial, que ainda não se fixou. (Levei tempo para trocar isso em miúdos.)

— **IBGE. Bom dia.**

— A senhora pode me dar uma informação?

— Se eu souber, com muito prazer.

Não posso deixar de fazer piada — e até por cautela. O interlocutor compreendeu e sorriu. Perguntou. Respondi.

É claro, que tipo de pergunta poderão fazer? A lei é nova. Não há nada sedimentado. Foi o que ponderei. Até que eu gostaria, Galvão, mas como será? Eu e o Álvaro Nogueira, que vai dar o plantão da tarde, já estamos divergindo num ponto. Até que é interessante a idéia de organizarem um serviço de esclarecimento sobre a reforma econômica. Mas como vai ser?

Era uma nova experiência, única e imprevisível, de lidar diretamente com as pessoas do povo, com o público. Para qualquer tipo de pergunta, as mais imprevistas e nem sempre ligadas ao "Pacote". Às vezes era só um desabafo, uma queixa.

Ele só quer ser ouvido, eu percebia e me dispunha a ouvir.

Mas, afinal, as perguntas convergiam principalmente para o mesmo denominador: aluguel, acordos anteriores, obrigações (Arts. 8.º, 9.º e 10 do Decreto-Lei). A entrevista do Consultor-Geral da República confirmava que as obrigações se resolvem em um desses artigos. O Aluízio trouxe o recorte da *Gazeta Mercantil*. Mais papel, mais informação, reunião ao final do dia para acertar os ponteiros. Honestidade acima de tudo: se não souber, diga simplesmente "não sei, vou conferir, depois eu ligo".

— **Bom dia.**

É um rapaz bonito, belos dentes e barbicha (deve estar estudando para economista). Consultou, primeiro, o Barros sobre os juros que lhe tinham cobrado. Reclamou muito, não se conformou com a resposta. Depois emendou a conversa comigo. Uma série de argumentos que desenvolvia, um exercício intelectual:

— Veja só, os salários são arrochados por decreto, e os juros — com os

grandes banqueiros, a redução é tratada por acordo de cavalheiros. Para os pobres, a dureza, tem que cumprir a lei, para os ricos, acordo. E o povo vai se cansar de andar de tabela na mão. Em Mato Grosso, onde eu estive...

Exercício inteligente, um jogo em que exibia ser politizado e ativo, e que eu acompanhava, em homenagem ao calor e ao entusiasmo da juventude, tão revoltada com a marginalização do processo político, do dever da cidadania, por tantos anos. Gente da melhor qualidade, que até me enche de orgulho, e que já deveria estar treinando e aprendendo.

— Até logo. (Parabéns, garoto.)

Pessoalmente, às vezes se estabelece a empatia, o envolvimento: a senhora de idade-76, com o nome da minha mãe, que está sendo pressionada para o acordo; a professora aposentada que dá aula particular de Matemática e que, em março, passou a 50 mensais, e foi ameaçada de denúncia.

— Não se deixem intimidar! (Mas não é uma opinião técnica, cuidado!)

Pior é o telefone. Mas também se pode avaliar uma voz. Alguns formulam objetivamente a sua pergunta. Outros, com dificuldade. Custo a entender. Mas, afinal, consigo arrancar que a mensalidade de que ele se queixava reajustava segundo o salário mínimo.

— Então está certo. O salário mínimo aumentou, passou a Cz\$ 804,00.

Esse, agora, não consigo mesmo entender. Começo a me irritar (cuidado!). Um momentinho, por favor, Ivan, atende aqui.

— **IBGE. Bom dia.**

— A loja se recusou a fazer a conversão das prestações em cruzados, segundo a tabela.

— É, mas o certo é fazer a conversão, no caso.

— A quem reclamar?

— E o material escolar? Foi tabela-do? Aumentaram muito.

— A quem reclamar?

É uma boa pergunta.

— O meu tio vive de uma renda de dois imóveis alugados no mesmo prédio. Três quartos, sala, em Copacabana, o aluguel é tanto (irrisório, eu penso). A senhora sabe, ele gasta muito de médico e de remédio, ele é um senhor de idade, e doente. Eu sabia.

A outra face da questão.

— Comprei um terreno a preço fixo, para pagar em treze prestações fixas.

— Tem que converter.

— Mas ele não quer. Disse que vai ter prejuízo.

— Mas ele já se prejudicou desde o início, porque já fez um mau negócio, na origem, quando ajustou um preço fixo, para pagamento a prazo, numa época de inflação. De qualquer maneira, já estava perdendo. O óbvio.

— Pois é, mas ele se recusa a receber e não quita as promissórias. Que fazer?

— Excelente pergunta (contrata um advogado, para a ação cabível, para preservar seus direitos).

Como responder, sem parecer alheia e distante do problema?

A sempre lembrada solução do Juizado de Pequenas Causas, um velho sonho dos profissionais. Soluções rápidas e baratas, para esse povo que já se desacostumou (ou nunca se acostumou) a recorrer à Justiça, inacessível, cara e demorada.

Seria rápido, eficiente e barato, decisão na hora e na esquina. O que precisa esse povo para ter seus direitos garantidos? Habituar a defender-se e, respeitando-se, respeitar os direitos dos outros.

Mas, não é assim. Algum dia será?

— Jorge Henrique, que bela entrevista você deu ao *Jornal dos Esportes*! Saiu uma matéria muito boa. Passou bem a idéia e o objetivo do trabalho, desse novo trabalho, dessa nova imagem do IBGE.

BOM DIA.

UMAS & OUTRAS

Barraca do Guido

A praia de Piatã, de areias finas e mar dos mais apreciados em Salvador, foi o lugar escolhido pelo Guido para "montar" sua barraca.

Antonio José de Souza Paixão, o popular Guido, é nosso colega da Delegacia da Bahia. Fora do expediente, ele cuida da barraquinha de birinaites, fubuias ou mé e quitutes baianos. Aos sábados, domingos e feriados é fácil encontrarmos ibgeanos em sua barraca. Bebendo as deliciosas batidas por ele criadas e saboreando os acarajés, abarás e cocadas feitos por sua mulher. O pessoal bate papo, canta, samba, aproveita o sol tropical e se diverte até o final do dia. Na véspera de qualquer dia de descanso, repete-se freqüentemente a expressão: "Vou pra barraca do Guido". Surgiu de repente, e hoje é folclore da DEGE-BA.

Trabalho elogiável

Trabalho não faz mal a ninguém. Que o diga Clodoaldo de Souza Rolim, paraense de 69 anos, funcionário mais antigo do IBGE naquele estado e, diga-se de passagem, com muito orgulho. Seu desempenho funcional é muito elogiado pelos colegas e seu currículo respeitável. Aposentou-se em 1979, mas não pendurou as chuteiras e foi recontratado no dia seguinte. "Gostaria de trabalhar mais 50 anos", diz Clodoaldo que, ao contrário de muita gente, não quer matar quem inventou o trabalho e sim elogiar.

Macanudos, atenção!

"Quem não se comunica se trumbica", como diz o nosso velho guerreiro, mas este não é o caso de Joamir César da Costa, chefe da SEICOM no Rio Grande do Norte. Ele informa aos colegas ibgeanos radioperadores na faixa do cidadão que está em QAP QRV, diariamente em AM no canal 4 e no canal 10 em SLB no QTR das 18:00 horas. E avisa aos macanudos ibgeanos que seu prefixo é PX7E-1117 QRA — César Natal — RN. É isso. O recado está dado. Vale conferir.

Olha nós na feira

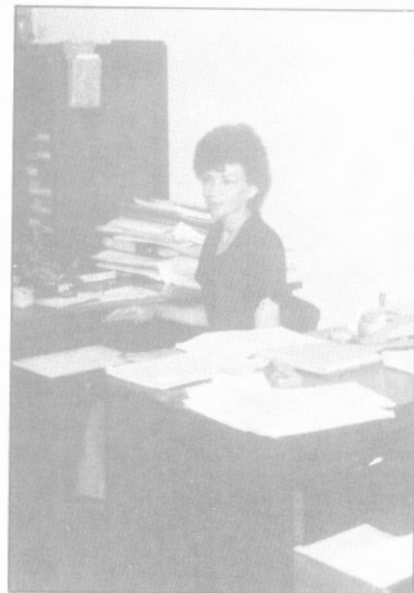
A gente quer as nossas publicações bem ao alcance do grande público. Por isso o IBGE está entrando pra valer nas feiras de livro de todo o País. No Rio, participamos de uma famosa, no Largo da Carioca, bem no centro da cidade. E armamos também as nossas bancas em Pernambuco e Minas Gerais. Outro sucesso de março foi o lançamento em São Paulo do livro "O Lugar do Negro na Força de Trabalho", das geógrafas Lúcia Elena Garcia de Oliveira, Rosa Maria Porcaro e Tereza Cristina N. Araújo, editado pelo IBGE. Aconteceu durante o Primeiro Encontro Estadual de Sindicalistas Negros, no Embu.



Foto de Paulo Vilas Boas

O IBGE quer que o público conheça as suas publicações.

Nas serestas natalenses



Na música, Ivonaura descobre o sentido da vida.

"Precisamos acreditar em algo na vida, para saborear cada momento em sua plenitude. E é vivendo estes momentos que se descobre o real sentido de nossa existência. Somos fruto do que queremos, portanto... quando no despertar da nossa realidade nos deparamos com aquilo que queremos ser, encontramos um equilíbrio espiritual que vem nos fortalecer para a nossa grande passagem." É com essa filosofia que Ivonaura Alves Brasil, funcionária do IBGE em Natal, vai levando a vida através do seu canto. Sua concepção em relação à sua arte e trabalho é transmitir uma vida própria e característica. Participa de serestas nas noites natalenses, aprecia todos os ritmos, mas sua preferência está com o samba e o forró. Assim ela preenche seu tempo — cantando. Afinal, quem canta, seus males espanta.

CARTAS

Entrosamento

"Sou funcionária desta DEGE há 10 anos, e tenho lido os exemplares da Revista NOVA IMAGEM. Este último número me encantou sobremaneira.

A parte artístico-cultural está rica e com muita alegria vi o retrato de minha ex-colega Maria Lúcia Godoy. Fizemos o curso de canto lírico na mesma época, aqui em Belo Horizonte, com a mesma professora.

Maria Lúcia é, no meu entender, a cantora lírica brasileira de voz mais perfeita que conheço. Sua voz continua com o mesmo brilho e suavidade que sempre a caracterizaram.

Que bom que temos um colega como o Samuel Taets, que é também cantor lírico. Transmite a ele os meus parabéns pela sua atuação na ópera *O Trovador* no Teatro Municipal dessa cidade (...).

Parabéns a todos os que tiveram idéia de criar a Revista NOVA IMAGEM. Ela vai proporcionar maior entrosamento entre os ibgeanos."

(Lisbeth Barreiros Canabrava, DEGE-MG)

Nota da Redação: O pessoal agradece as palavras de estímulo. Recebemos com agrado a informação de que a colega é também cantora lírica e pianista conhecida em Minas Gerais. Em momento oportuno será certamente um bom assunto em nossas páginas.

Sugestões

"Ao cumprimentá-los pela nobre e feliz iniciativa de publicar uma revista do quilate de NOVA IMAGEM, que indubitavelmente veio ensinar a integração nacional da família ibgeana, valho-me da

oportunidade para dar duas sugestões: que o nome da revista continue sendo NOVA IMAGEM, uma vez que se coaduna melhor com os anseios e propósitos dos ibgeanos, e até mesmo com o discurso de posse do nosso presidente, quando referiu-se a um NOVO IBGE; que haja um espaço para o que nós chamaríamos de "Português nosso de cada dia", ou "Português Dinâmico", ou, ainda, um título a critério da direção, onde se publiquem regras e "macetes" do nosso Português (...)." (Clacir Virmes, Agente de Coleta-SC)

Espanto

"Fui admitida como funcionária da antiga Inspetoria Regional de Estatística Municipal no Estado da Paraíba e, desde a década de 1960, engrosso as fileiras desta Instituição que amo e que sempre ajudei a defender, se necessário. Vibrei ao tomar conhecimento da publicação NOVA IMAGEM, pois acho que um canal de comunicação é essencial para que se consiga o espírito de unidade necessário ao bom desempenho dos ibgeanos(...).

Mas não é este o assunto principal desta carta: quero demonstrar o meu espanto pelos temas abordados em certas reportagens que li com reservas no n.º 0, com preocupação no n.º 1 e revoltada no n.º 2. Considero oportunas as matérias que exaltam aptidões artísticas de colegas até então conhecidos por poucos; que divulgam o esforço de servidores humildes de extensa rede de coleta; que esclarecem sobre a importância de determinados setores estatísticos; que fornecem conhecimentos úteis sobre conservação da saúde física,

mental ou financeira etc.

No entanto, matérias como o comportamento de nossa Seleção de futebol, a crença infantil em Papai Noel, a genialidade de Villa-Lobos, a euforia provocada pelo carnaval seriam consideradas ideais em revistas comerciais; porém, no meu entender, não se enquadram em uma publicação do tipo desta, editada pelo IBGE(...)." (Maria Sônia de Medeiros, DEGE-PB)

Nota da Redação: Neste número publicamos uma pesquisa, nas páginas 29 e 30, para identificar as matérias de real interesse dos nossos leitores. A partir das respostas, vamos traçando o perfil editorial que mais se aproxime do gosto dos leitores de NOVA IMAGEM.

Sheila em Brasília

"Recentemente, tivemos o prazer de receber a visita em nosso Departamento Regional de Pesquisas Ecológicas — DERPE — da Revista NOVA IMAGEM, na pessoa da jornalista Sheila Riera, que veio com o propósito de fazer uma matéria sobre nossas atividades. A iniciativa da revista veio ao encontro de uma antiga reivindicação nossa, que é divulgar junto ao próprio IBGE, como também a nível nacional e internacional, nossos trabalhos e nossas potencialidades. Nesse contexto, portanto, a jornalista, representando a revista, foi bem-vinda. Queremos nos inserir no esforço para construir uma nova imagem para a nossa Instituição que realmente espelhe essa nova filosofia de trabalho que se instalou com o novo presidente do IBGE(...)." (Geraldo Rocha, Brasília-DF)

CARTAS

Com orgulho

"Tenho observado atentamente as funções que o IBGE vem acumulando durante os últimos anos. Recentemente passou a ser um órgão de maior confiança por parte do Governo Federal, desde o momento em que uma das tarefas mais importantes passou para sua tutela — o cálculo da inflação (...).

Hoje, sinto-me orgulhoso em acompanhar esta Fundação, divulgando mensalmente o índice de maior repercussão para a sociedade brasileira (...).

Diante dos órgãos responsáveis pela difusão das medidas econômicas empenhou-se o Sr. Presidente do IBGE,

Dr. Edmar Bacha, no sentido de esclarecer a população via, principalmente, cadeia de televisão. Mostrou, assim, à classe trabalhadora a importância do Pacote Econômico.

Quero enfatizar aqui, também, a força de luta demonstrada pela economista Maria da Conceição Tavares, há longos anos, por uma divisão mais eqüitativa de renda e, naquele momento, via TV, os seus sentimentos fizeram lembrar o sangue da classe assalariada sugado, desde 1964, pela concentração de renda nas mãos de minorias (...).

Outrossim, não poderia me abster de parabenizar o Exmo. Sr. Presidente da República, José Sarney, os Ministros Dilson Funaro, João Sayad e Almir Pazzianotto pelas medidas econômicas baixadas recentemente, através do Decreto-Lei n.º 2.283."

(Francisco C. de Aguiar, Agente de Coleta — DEGE-PA)

GENTE QUE TOCA A GENTE

Amado Alves Filho

O FREVO DE ZÉ MENEZES E LEVINO FERREIRA

Música que dificilmente dá "fricote"

Quem gosta de música do pouão, quem se emociona com uma bela orquestra de frevo — especialmente quando esse frevo tem a qualidade dos grandes mestres — não pode deixar de ouvir este LP em que o maestro Zé Menezes reproduz doze obras-primas de um dos mais festejados compositores desse gênero: Levino Ferreira.

O pessoal da DEGE/PE deve conhecer bem quem foi Levino. Mas os companheiros das demais Delegacias e Agências precisam conhecer este pernambucano que faleceu em 1970, aos 79 anos de idade, ainda firme nas suas funções de criador de belas peças musicais.

Criado em Bom Jardim, interior de Pernambuco, aos oito anos tocava trompa. Com pouco tempo tornou-se um mestre em diversos outros instrumentos de banda.

Por volta de 1930, sua música já era ouvida em Recife. Em 1935, a Orquestra Odeon gravou seu frevo Satanás na Onda, que venceu o concurso de frevos da capital pernambucana. Estava consolidada uma carreira que, daí pra frente, só iria acrescentar sucessos ao seu autor.

O ARRANJADOR

Pois o maestro Zé Menezes, outro pernambucano decidido da cidade de Nazaré da Mata, resolveu agora prestar esta homenagem discográfica ao grande Levino, trabalhando palhetas e metais com a qualidade de quem entende muito do riscado.



Vejam lá quem é o Zé Menezes, para que não tenham dúvidas quanto ao resultado do trabalho. Ele chegou do interior em 1943, com 20 anos de idade e uma já respeitável bagagem de músico — clarinetista e saxofonista — preparada na banda de Nazaré da Mata.

Em 1949, foi convidado pelo maestro Nelson Ferreira para integrar a orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Quatro anos depois, já era regente. Em 1960, fundou a sua própria orquestra, que se tornou uma das mais conhecidas do Nordeste, e realizou inúmeras excursões pelo País. Como compositor, teve como parceiros Aldemar Paiva, Geraldo Costa e Manuel Gilberto, produzindo inúmeros frevos, valsas e polcas de grande êxito.

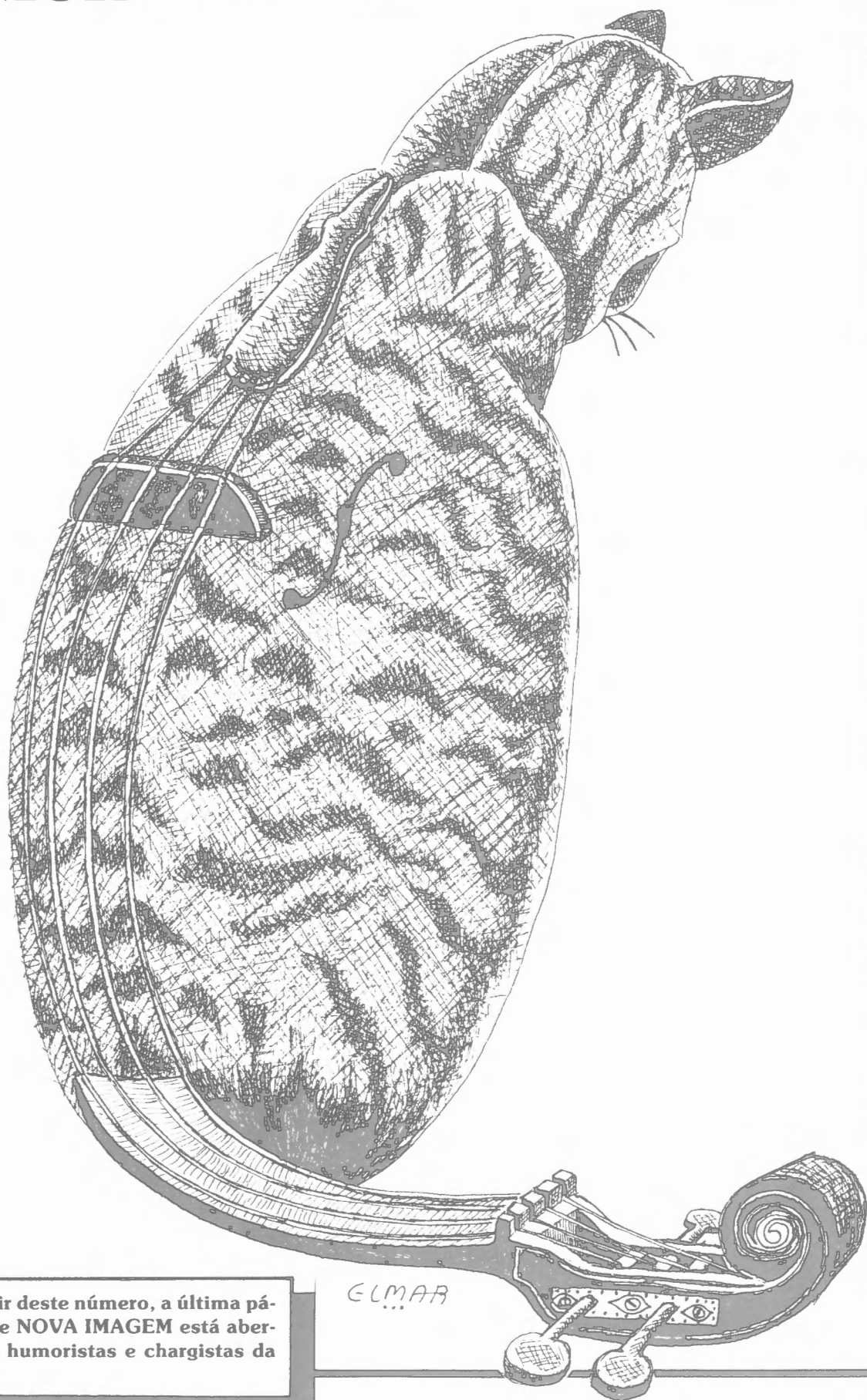
COISA FINA

O produtor deste excelente LP, Leonardo Dantas Silva, não hesita e diz, na contracapa: "Da primeira à última nota vocês sentirão toda a inspiração do 'Mestre Vivo', apelido recebido em Limoeiro. O Frevo Vivo de Levino Ferreira é, da primeira à última nota, o despertar do folião sempre presente no coração de cada um".

Está cheíssimo de razão o produtor. Aquele que tiver a sorte de ouvir Último Dia, A Cobra Está Fumando, Mexe com Tudo, Última Troça, Retalhos de Saudade vai se dar conta.

E tem mais: escutando Zé Menezes e a música de Levino, a gente fica feliz por sentir que não há reggae no mundo que possa transformar essas jóias em qualquer tipo de "fricote".

Ou de "deboche".



A partir deste número, a última página de NOVA IMAGEM está aberta aos humoristas e chargistas da casa.